

BLUMENAU

em Cadernos

t. 51 n. 6 novembro/dezembro 2010 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 51	n. 6	p. 1-128	nov./dez. 2010
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy Elaine de Souza

Normatização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry **Secretária** | Mirela Adriana Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

A Mulher do Imigrante: Vivências da esposa de um colono no sul do Brasil

Die Frau des Auswanderers Erlebnisse einer Kolonistenfrau in Südbrasilien Von Emilie Heinrichs Geleitwort

Emilie Heinrichs

Tradução: Adriana Maximino dos Santos

7

Artigos

Elementos da relação público e privado e os modos de vida na cidade

Queli Flach Anschau

38

A gênese da Escola de Educação Básica Pedro II

Jader Rene Cipriani

55

Memórias

Recordação agradável

José Gonçalves

82

Blumenau, cidade que eu amo... Há 7 décadas!

Carlos Braga Muller

90

Fragmentos da nossa história local

O Contestado - Movimento fanático

93

Correspondências de imigrantes

Tradução e comentários Rolf e Renate Odebrecht

111

Autores catarinenses

O fantástico mundo da etimologia

Enéas Athanázio

116

Índice Revista Blumenau em Cadernos 2010

120

APRESENTAÇÃO

Nesta edição, Blumenau em Cadernos traz as contribuições de pesquisadores e memorialistas revelando novos olhares e entendimento sobre alguns aspectos da história regional e catarinense.

Inicia-se, na coluna **Documentos Originais**, uma nova série de textos que, certamente, pela riqueza de detalhes e revelações, será mais uma fonte de pesquisa para aqueles que trabalham com imigração, cotidiano, relações de gênero e demais linhas de pesquisa. A obra intitulada “*A mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil*” tem como autora Emilie Heinrichs. Editada na cidade de Friburgo, em Brisgóvia, região localizada no sudoeste da Alemanha no ano de 1921. A mestre formada pelo Programa de Pós Graduação de Estudos – UFSC, Adriana Maximino dos Santos, é responsável pela tradução desta obra, com a revisão de Manuela Accássia Accácio. A transcrição do texto alemão foi revisado pela tradutora Annemarie Fouquet Schünke.

Abordando o tema “*Elementos da relação público e privado e os modos de vida na cidade*”, a mestre em Sociologia Política – UFSC, Queli Flasch Anschau, abre discussão sobre o verdadeiro papel da esfera pública na contemporaneidade. Para fundamentar teoricamente esta questão dialoga com Hannah Arendt, Sergio Costa e Magnani que problematizam este conceito de esfera pública.

Na sequência, o mestre em Educação pela FURB, professor Jader René Cipriani, publica, na coluna **Artigos**, “*A gênese da Escola de Educação Básica Pedro II*”. Dentro desta perspectiva o autor faz uma análise do educandário, enquanto instituição centenária. Tendo em vista seus longos anos de existência, optou por direcionar a pesquisa entre o período das décadas de 1940 e 1950. Esta escolha deu-se em decorrência das mudanças ocorridas na área da educação e dos novos mecanismos aplicados no processo de disciplinamento e ensino no recorte deste estudo.

Na coluna **Memórias** o escritor e jornalista José Gonçalves, na semana anterior ao seu falecimento (outubro), entregou na redação de Blumenau em Cadernos um texto que julgamos ser uma das suas últimas

escritas: “Recordação agradável”. Com esta publicação Blumenau em Cadernos reverencia a memória de José Gonçalves, o qual, no período de 1977 a 1997 foi o responsável pela edição deste periódico.

“*Blumenau, cidade que eu amo há sete décadas*”. Usando esta chamada, o memorialista e escritor Carlos Braga Müller relembra algumas passagens vividas na cidade ao longo dos últimos setenta anos.

O conjunto de textos publicados em **Fragmentos da Nossa História Local** traz aos leitores vários recortes de notícias extraídas de jornais regionais, comentando as lutas e diversos acontecimentos ocorridos durante o conflito do Contestado na região do planalto catarinense. Vale aqui registrar que estes relatos foram descritos num momento de muita apreensão e medo da população de cidades vizinhas próximas ao evento. Espera-se que os informes venham contribuir nos estudos de pesquisadores interessados.

Encerrando a série **Cartas de Imigrantes**, estão sendo publicadas as últimas correspondência trocadas entre os parentes da família Odebrecht. Mais uma vez os agradecimentos ao casal Renate e Rolf Odebrecht, por permitir a socialização desta fonte de pesquisa com os leitores.

Enéas Athanázio traz para a coluna **Autores Catarinenses** comentários referentes ao livro “*Nomes indígenas dos municípios catarinenses-significação e origem*”, lançado pelo professor Lino João Dell’Antonio. Na obra o autor desvenda muitos topônimos indígenas de várias tribos do Estado catarinense.

Finalizando esta edição, é apresentado o **Índice Geral**, que orienta o pesquisador com as indicações de textos e artigos publicados ao longo do ano 2010.

Aos colaboradores, os agradecimentos. Com este conjunto de textos, o Conselho Editorial e direção da revista esperam ter conseguido atender durante este ano às expectativas dos leitores.

Aguarda-se, como sempre, o envio de textos para publicação neste periódico.

Sueli Petry

Diretora

Blumenau em Cadernos



A MULHER DO IMIGRANTE: VIVÊNCIAS DA ESPOSA DE UM COLONO NO SUL DO BRASIL

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

DIE FRAU DES AUSWANDERERS ERLEBNISSE EINER KOLONISTENFRAU IN SÜDBRASILIEN VON EMILIE HEINRICHS GELEITWORT

An Ratschlägen und Führern für Auswanderer fehlt es nicht. Haben sie wert? Die wenigsten. Die wissenschaftlichen sind nichts für den, der eine klare Antwort sucht. Die allgemeinen lassen nur Zweifel zurück. Die volkstümlichen sind kaum mehr als eine oberflächliche Unterhaltung.

Wer auswandern will, muß vor allem klar sehen. Er muß ganz genau wissen, was seiner draußen oder drüben wartet. Das erfährt er nicht aus erdkundlichen Büchern, die nennen ihm nur lebensfremde Zahlen und Formen. Er erfährt es auch nicht von Forschungsreisenden oder sogenannten staatlichen Fachleuten. Die einen tragen eine Brille, und die anderen färben schön oder schwarz. Will er klar sehen, dann muß er es mit den Augen jener tun, die wie er mitten im Kampf und der Not des Tages standen. Jener, die das Leben lebten, wie er es vorhat. Jener, die um ihr Fortkommen täglich gerungen haben. Jener, die zagten, wie er zagte, die aber auch hofften mit heißer, mildzäher Hoffnung.

So ringen, zagen und hoffen kann nur, wer die Erde liebt als das schönste Gottesgeschenck nächst Freiheit und Glauben, wer mit ihr ringt um jeden Fußbreit jungfräulichen Bodens, mit ihr zagte, indem er ihr die fruchtbergenden Körner übergibt, mit ihr hofft, wenn es keimt und aufsprießt und gedeiht. Das ist der Landmann allein. Und weil der es ist, und weil sich unsere Zeit wie kaum eine nach der Erde, unser aller Mutter, mit Ursehnsucht zurücksehnt, darum hungert der Auswanderer nach Land, nach eigener s Scholle, nach dem eigenen Heim auf eigener Erde.

In dies Heim gehört die Frau. Es ist ihm nicht genug, zu ackern und zu säen und sich mit schwerem Gerät weite Strecken diernstbar zu machen. Aus dem Häuserwust und der Heimlosigkeit der Stadt will er in die Einfachheit und den Frieden eines häuslichen Lebens. An der Seite seines Weibes soll ihm neues Glück erwachsen.

A MULHER DO IMIGRANTE: VIVÊNCIAS DA ESPOSA DE UM COLONO NO SUL DO BRASIL

Emilie Heinrichs*

PREFÁCIO

Não faltam conselhos e guias para os imigrantes. Mas eles têm valor? A minoria. Os científicos não são nada para aquele que procura uma resposta clara. Os genéricos apenas deixam dúvidas. Os populares são um pouco mais que uma conversação superficial. Quem quer imigrar precisa, antes de tudo, ver claramente. Precisa saber exatamente o que está esperando por ele lá fora. Ele não fica sabendo através de livros informativos que lhe dão apenas números e fórmulas ingênuas. Também não fica sabendo através de viajantes exploradores ou dos, assim chamados, técnicos estatais. Estes usam óculos e os outros falam bem ou falam mal demais. Se ele quiser ver claramente, então tem que enxergar com os olhos daqueles que estiveram no meio da luta e da dificuldade, assim como ele estará. Aqueles que viveram a vida como ele planeja viver agora. Aqueles que lutaram diariamente para a própria subsistência. Aqueles que recearam, mas que também tiveram esperanças de modo obstinado e fervoroso. Portanto, lutar, ter medo e esperanças só pode: Quem ama a terra como o presente mais bonito de Deus ao lado da liberdade e fé; quem luta por cada pedaço de solo virgem; quem recebe com a terra, sobre a qual ele espalha os grãos que sobraram das frutas; quem com ela tem esperanças, quando esta germina,

* Autora da obra “A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no Sul do Brasil”. Tradução: Adriana Maximino dos Santos. Revisão: Manuela Acássia Accácio. Prefácio do P. Georg Timpe, Secretário Geral da Comunidade de São Raphael. Friburgo em Brisgóvia, 1921.

So sehnt er. Kann er sie aber, darf er die Mutter seiner Kinder in die neue, fremde, Entbehrungsvolle hineinziehen?

Die Frau des Auswanderes – wer hat bisher an sie gedacht! Wollte er es, sie mußte einfach mit ihm ziehen. Hat er sie viel gefragt, ob sie sich überhaupt dazu eigne? Und doch, er muß es tun! Hier ist es, da hat die Frau mehr als ein Wort mitzureden. Er muß sie hören. Mehr als roh wäre es, gewissenlos, ihre Einwände für nichts zu achten.

Die Frau des Auswanderers – hier ist ein Buch, in dem eine Frau redet, nicht nur aus ihrer Erfahrung, sondern aus dem Innersten ihres Wesens heraus. Wie sie denkt und fühlt und sorgt – es mag dem Mann klein und kleinlich erscheinen, aber hat es deshalb weniger Recht auf Beachtung?

Das Buch mußte geschrieben werden. Tausende von deutschen Frauen müssen sich mit dem Gedanken befassen, eine andere Heimat zu suchen. Sie alle wissen nicht, sie ahnen nicht, was drüben ihrer wartet. Mögen sie dies Buch einer tapferen deutschen Frau lesen! Möge es sie zurückhalten, wenn sie für das Schwere nicht stark genug sind! Mögen sie daran erstarken, wenn sie ihren Entschluß ausführen! Ihre Männer aber sollen dies Buch auch lesen. Vielleicht, daß sie dann ihre Frauen inniger lieben.

Freiburg i. Br., 6. Januar 1921.

Georg Timpe, P.S.M.

Generalsekretär des St. Raphael-Bereins

1 U

2 ABSCHIED VON DER HEIMAT

Schon ein Jahrzehnt ist verstrichen, seit ich zurückgekehrt bin aus Brasilien, von der großen Auswanderfahrt. Doch all die Jahre haben es nicht

brotar e frutificar. Este é o agricultor sozinho. E porque ele é este homem, e porque em nossos dias dificilmente se sente falta da terra, nossa mãe universal. O imigrante sente fome da terra, de sua própria gleba, de seu próprio lar, na sua própria terra. A mulher pertence a esta pátria. Para o homem não é suficiente capinar, semear e utilizar equipamentos pesados em longos trajetos. Longe do amontoado de casas e da falta de lar, ele quer a simplicidade e a paz de uma vida doméstica. Ao lado de sua mulher deve-lhe brotar nova esperança. Assim deseja e pode, mas será que deve arrastar a mãe de seus filhos para o novo, para o estranho e para as privações? A mulher do imigrante – quem pensou nela até agora? Basta querer e ela tem que se mudar com ele. Ele se perguntou, e perguntou a ela diversas vezes se por acaso estaria preparada? Mas ele tem que fazer isto! Veja bem, a mulher precisa ser ouvida! Ele precisa ouvi-la! Mais do que rude, seria inescrupuloso ignorar completamente as objeções dela!

A mulher do imigrante – aqui está um livro, no qual uma mulher conta não apenas sobre sua experiência, mas sobre o mais profundo de seu ser. Pode parecer ao homem pequeno e mesquinho, como ela pensa, se sente e se preocupa, mas será que isto tem menos direito à atenção?

O livro tinha que ser escrito. Milhares de mulheres alemãs têm que refletir sobre procurar uma outra pátria. Todas elas não sabem, não têm ideia do que espera por elas lá fora. Elas têm que ler este livro de uma alemã corajosa! Ele deverá detê-las quando não forem fortes o suficiente para enfrentar as dificuldades. E deverá fortalecê-las quando tomarem a decisão. Seus maridos devem ler este livro também. Talvez, porque eles amem mais profundamente suas mulheres.

1 DESPEDIDA DA TERRA NATAL

Já se passou uma década que voltei do Brasil, da longa viagem

vermocht, die Eindrücke zu vermischen, die ich dieser Reise mit heimgebracht habe. War ja alles, was ich dort erlebte, so neu, so gewaltig, daß es sich so leicht nicht vergißt. Oft schon mußte ich erzählen von all dem, was ich erlebt und gesehen habe.

Niemals aber kam mir dabei der Gedanke, meine Erlebnisse niederzuschreiben, um sie zu veröffEntlichen. Doch die Zeiten ändern sich. Es ist an der Zeit, daß ein jeder, der in der Auswanderung Erfahrungen gesammelt hat, sie der Oeffentlichkeit übergibt. Darum habe auch ich mich entschlossen, meine Erlebnisse als Kolonistenfrau in Südbrasilien niederzugeben, damit die deutschen Frauen wissen, wie es in Wirklichkeit da draußen zugeht und was von einer Kolonistenfrau verlangt wird.

Viel wird in letzter Zeit erzählt vom Ueberfluß an Lebensmitteln, von fruchtbaren Ländereien in der fremden weiten Welt. Viel Wahres, aber auch viel Falsches. Das Gute und Schöne bleibt gern bei jedem Zuhörer haften. Das weniger Schöne wird gern vergessen, und zuletzt hat sich vom Leben der Kolonistin ein Bild festgeprägt, das in Wirklichkeit ganz anders aussieht. Ich will darum hier erzählen, wie sich mein Leben drüben zugetragen hat. Von guten und von bösen Tagen will ich schreiben und auch, was eine Kolonistenfrau im brasilianischen Urwald alles leisten muß.

In letzter Zeit kamem oft Frauen zu mir, die gehört hatten, daß ich einige Jahre als Kolonistenfrau in Südbrasilien gelebt habe. Sie wollten alle wissen, wie sich das Leben der Frau aus der Kolonie abspielt, sind doch viele dieser Frauen willens, mit ihrer Familie in den großen Urwald hinauszuziehen.

„Auswandern,“ dies Wort hört man im letzten Jahre nur zu oft. Wie stellt sich nun die Frau zu dieser Auswanderungsfrage?

Wohl hat die Frau nicht den Ausschlag zu geben, ob ausgewandert wird oder nicht. Der Mann spricht dieses schwerwiegende Wort erst nur im Scherz, immer wieder wird es wiederholt bis es zum Schlusse festsitzt, und eines guten Tages heißt es einfach: Wir wandern aus. Eine ganze Reihe von Bekannten wird

de imigração. No entanto, todos estes anos não conseguiram apagar as impressões que trouxe desta viagem para minha terra. Tudo o que vivi foi tão novo, tão forte que não é tão fácil esquecer. Muitas vezes tive que contar tudo o que vi e vivenciei.

Nunca pensei em escrever sobre minha experiência para publicá-la. Porém, os tempos mudam. É hora daqueles que viveram a imigração passar isso ao público. Por isso, também decidi transmitir a minha experiência como esposa de colono no sul do Brasil, para que as mulheres alemãs saibam o que na verdade se passa lá fora e o que se exige da mulher de um colono.

Ultimamente muito se fala sobre fartura de alimentos, terras frutíferas no mundo distante e inusitado. Muitas verdades, no entanto, também muitos enganos. O bom e o bonito ficam guardados com os leitores. O que não é tão belo é esquecido, e por fim se forma uma imagem da vida da colona que na realidade é completamente diferente. Assim, quero contar aqui como foi minha vida lá fora. Quero escrever sobre os dias bons e difíceis e ainda sobre tudo o que uma mulher de colono tem que suportar na floresta brasileira.

Nos últimos tempos, as mulheres, as quais souberam que morei alguns anos como colona no sul do Brasil, vieram à minha casa. Elas queriam saber como é a vida da mulher na colônia. Muitas delas tinham o desejo de se mudar junto com sua família para a grande floresta.

“Imigrar!” Esta palavra é ouvida com frequência nos últimos anos. Qual é a posição da mulher frente a esta questão da imigração?

A mulher não tem a decisão de imigrar ou não. Primeiro, o marido diz de brincadeira essa palavra tão séria. Depois, ela é repetida várias vezes até que finalmente fica gravada, e um belo dia simplesmente ordena-se: "Vamos imigrar!" Poderia citar uma lista inteira de conhecidos que decidiram deixar sua terra natal. Nós, mulheres, temos o dever de

genannt, die alle beschlossen haben, ihre Heimat zu verlassen. Wir Frauen haben die Pflicht unsern Männern zu folgen in diesem Falle gewiß eine harte Pflicht. Erst sträubt man sich und bittet und fleht, von diesem Vorhaben abzulassen – was hilft es: zum Schluß wird doch ausgewandert. Das ist Frauenlos.

So ist es mir selbst ergangen. Es war Ende des Jahres 1900. Da kam mein Mann eines Tages nach Hause und zeigte mir mit großer Freude ein Blatt mit Ansiedlungen in Südbrasilien. Da ich für so etwas gar keinen Sinn hatte, ließ ich die Zeitschrift unbeachtet liegen. Kurz darauf fragte mein Man, wie mir die Bilder gefielen; ich wußte keine Antwort darauf. Nach einigen Fragen und Gegenfragen wurde mir es dann klar, was mein Mann vorhatte: auswandern nach Südbrasilien.

Die erste Antwort, die ich ihm gab, war recht deutsch: „Du bist wohl nicht recht gescheit!“ Ich war damals 1^{1/2} Jahr verheiratet, noch kinderlos und hatte nie eine größere Reise gemacht. Nun sollte ich mich auf einmal losreißen von Mutter und Geschwistern, von lieben Berwandten und Bekannten. Ich glaubte es nicht zu können. Ein bestimmtes: „Nein, ich fahre nicht mit nach Brasilien“ sollte meinen Mann zur Vernunft bringen. Ein gemütliches Heim, ein auskömmliches Leben, meine Heimat, alles was ich liebhatte, sollte ich zurücklassen. Es war für mich eine schlimme Zeit.

Heute sind es tausende von Frauen, die das, was ich zu der Zeit empfunden habe, jetzt selbst müssen. Alles Bitten und Weinen nutzte in nichts. Der Plan saß bei meinen Manne zu fest, das Auswanderfieber war unheilbar.

Die Frau soll ihrem Manne folgen, heißt es. Und ich? Ich werde ihm auch folgen! Manche Träne ist geflossen, ehe dieser Entschluß von mir gefaßt wurde. Das ist unser Frauenschicksal, wir brauchen die führende starke Hand des Mannes, wir müssen ihm folgen auch dann, wenn die Wege, die er uns führt, weit und beschwerlich sind.

Um Weihnachten fiel die Entscheidung, und im März wollten wir fahren. Die Zeit verstrich schnell unter mannigfaltiger Vorbereitung. Es wurde verkauft

seguir nossos maridos, neste caso, com certeza, um dever difícil. Primeiro resistimos, pedimos e imploramos para desistir desta intenção – de que adianta: no final acabamos imigrando. A decisão não compete às mulheres.

Assim aconteceu comigo. Foi no fim do ano de 1900. Um dia, meu marido veio para casa e mostrou-me com grande alegria uma folha com ilustrações de colônias alemãs no sul do Brasil. Como achei que aquilo não fazia sentido, deixei a revista ali sem dar atenção. Pouco tempo depois, ele me perguntou se gostara das fotos; eu não sabia responder. Após algumas perguntas e contra-perguntas, ficou claro para mim o que pretendia: imigrar para o Brasil.

A primeira resposta que lhe dei foi bem alemã: “Você deve estar louco!” Na época, estava casada há um ano e meio, sem filhos e nunca fizera uma viagem grande. Agora deveria partir pela primeira vez para longe de minha mãe, meus irmãos, meus queridos parentes e amigos. Pensava que não conseguiria. Um firme “Não, eu não vou junto para o Brasil” iria devolver a razão ao meu marido. Um lar confortável, uma vida satisfatória, meu país, tudo o que amava, teria que deixar para trás. Foi um momento complicado para mim.

Hoje há milhares de mulheres que têm que passar por aquilo que senti naquela época. Todas as súplicas e lágrimas não resolveram nada. Meu marido se manteve firme no plano.

Dizem que as mulheres devem seguir os maridos. E eu? Vou segui-lo também! Algumas lágrimas caíram antes de tomar esta decisão. Esta é a nossa sina de mulher – precisamos das mãos fortes do marido que nos guiem, devemos segui-lo mesmo quando os caminhos para onde ele nos conduz, sejam distantes e árduos.

Na época de natal veio a decisão e em março pretendíamos partir. O tempo passava rápido com os diversos preparativos. Compramos,

gesaust und gepackt. Sämtliche Möbel, die mir in meinem jungen Eheleben lieb geworden waren, wurden verkauft, weil man sie nicht mitnehmen konnte. Aller sonstiger Hausrat, wie Küchengeschirr, Wäsche und Betten wurde verpackt. Kiste reihte sich an Kiste, immer wurde noch zugekauft und eingepackt. Mein Mann der schon früher große Auslandsreisen hatte, wußte, was alles gebraucht wurde, was drüben gar nicht oder nur für viel Geld zu kaufen war. Große eiserne Töpfe, starke Eimer und Emailgeschirr waren alles Sachen, die mir später auf der Kolonie sehr zustatten kamen. Eines Tages brachte mein Mann eine ganze Kiste Eisenwaren, wie Fensterangeln, Türschlösser, Türangeln und Riegel usw., sämtliche Eisenteile, die beim Hausbau gebraucht werden. Sogar eine Herdplatte brachte er mit, die uns im Urwald als Kochherd dienen sollte.

Ich hatte die Zeit benutzt, um Stoffen für Wäsche und Kleider und Anzüge einzukaufen, alles dem dortigen Klima entsprechend, leichte Leinen-Drellstoffe. Da dies alles damals in Deutschland für wenig Geld zu bekommen war, nahm ich einen großen Posten davon mit. Mit leichten Nähten nähte ich aus diesen Stoffen Kissen und Bettbezüge, die über die Betten gezogen wurden und so als Schonbezüge angesehen werden konnten. Aus Drell, der für Anzüge bestimmt war, fertigte ich eine Reisedecke. Als wir später in Brasilien unsere Sachen auspacken mußten, ging alles auf diese Weise ohne Zoll durch.

Heute, wo alles so hoch im Preise steht, kann man Einkäufe in diesem Umfang nicht mehr machen. Doch rate ich jeder Frau, die auswandern will, soviel wie eben möglich an derartigen Sachen noch hier einzukaufen. Betrachtet man den großen Verlust beim heutigen Umwechseln des Geldes, dann sind trotz der hohen Preise die Sachen hier noch bedeutend billiger als drüben. Rechnet man z. B. Für ein Meter Kleiderstoff 40 Mk., so kostete er drüben schon in Friedenszeiten 25 Mk. Oder 18 Milreis. Um nun 18 Milreis zu bezahlen, braucht man bei dem jetzigen Stand unseres Geldes wenigstens 300 Mk. Man sieht also, man kauft hier mit unserm Gelde trotz der hohen Preise baren Geldes möglichst Waren und sonstige Gebrauchsgegenstände mitzunehmen.

vendemos e empacotamos. Todos os móveis, que para mim tinham sido úteis na minha recente vida de casada, foram vendidos. Todos os outros móveis e utensílios como louças, roupas e colchões foram embalados. Caixas e caixas se enfileiravam e continuávamos a comprar e empacotar.

Meu marido, que já fizera anteriormente longas viagens, sabia tudo o que era necessário, o que lá fora não era possível comprar ou o que se compraria apenas com muito dinheiro. Panelas de ferro grandes, baldes fortes e louça esmaltada eram coisas que se tornaram muito úteis mais tarde na colônia. Certo dia, ele trouxe uma caixa repleta de ferragens, como dobradiças de janelas e portas, fechaduras, trincos e todas as peças de ferro que são usadas na construção de casa. Trouxe até mesmo uma chapa de fogão que serviria como fogão na floresta.

Aproveitei o tempo para comprar tecido para as roupas de cama e mesa, vestidos e ternos, tudo o que se adequava ao clima de lá: trespano de linho leve. O que era possível comprar com pouco dinheiro na Alemanha naquela época, levei em grande quantidade. Costurei esses tecidos à mão, com os quais fiz travesseiros e lençóis que foram colocados nos colchões e que puderam ser considerados como capas de proteção. Dos tecidos de trespano que eram para os ternos, fiz um cobertor de viagem. Posteriormente, no Brasil, quando precisamos desempacotar nossas coisas, tudo passou sem taxas alfandegárias.

Hoje, com os preços tão altos, já não se pode mais fazer compras deste modo. No entanto, aconselho toda mulher, que pretender imigrar, comprar aqui o máximo de produtos semelhantes. Considerando a grande perda na conversão da moeda corrente e, apesar dos preços altos, as coisas aqui são significativamente mais baratas do que lá. Por exemplo, para um metro de tecido para vestido calcula-se 40 DM, isto custava lá em um período sem guerra 25 DM ou 18 mil réis. Para pagar 18 mil réis, é necessário na atual situação no mínimo 300 DM de nosso dinheiro.

So verging die Zeit unter Vorbereitung aller Art. Dreizehn Zentner Gepäck hatten sich angesammelt. Das Weihnachtsfest, das Fest der Familie, hatten wir mehr in dem schweren Bewußtsein verlebt, es würde voraussichtlich für lange, lange Zeit das letztemal sein, daß wir es im Kreise lieber Bekannten und Verwandten feierten.

Von all dem Abschiedsweh und Leid will ich nicht sprechen; mich hatte das Heimweh schon erfaßt, ehe ich die Heimat verlassen hatte. Alle Frauen, die das schwere Los der Auswanderung trifft, werden ja mitfühlen können. Man gleicht einem Kinde, das zum erstenmal in die weite Welt hinausschaut, man fühlt schon jetzt, man ist heimatlos geworden.

An 23. März 1907 kamen mein Mann und ich in Hamburg an. Hier sollte die weite Fahrt über den Ozean beginnen. Da unser Schiff erst am 25. März abfuhr, hatten wir zwei Tage Zeit, die große Hafenstadt zu besichtigen. Mein Staunen war natürlich groß. Ich hatte bisher keine Hafenstadt. Das dortige Leben, das Schaffen und Hasten war beängstigend. Immer wieder schweiften meine Augen hinüber zu den gewaltigen Schiffskolossen, die auch uns für die nächsten Wochen als Wohnstätte dienen sollten.

Die zwei letzten Tage auf deutschen Boden verstrichen; dann traten wir den Weg zum Hafen an. Da packte mich das Abschiedsweh nochmals mit solcher Gewalt, daß ich dachte, meine guten Vorsätze, stark zu sein um auszuhalten, würden hier nicht standhalten. Das Herz der Frau hängt, glaube ich, stärker an der Heimat, als das des Mannes. Als wir zum Grasbrookhafen kamen und unser Schiff noch nicht so weit fertig war, uns alle an Bord zu hehmen, hatten wir Gelegenheit, ein merkwürdiges Schauspiel zu betrachten. Ein großer Dampfer wurde mit Menschen beladen. Es waren hauptsächlich Russen und Polen. Wenigstens 3000 Zwischendecker, die nach Nord-Amerika fuhren. Hier konnte ich das Bild sehen wovon ich schon häufig gelesen hatte, vom „Auswandererelend“. Die Menschen wurden wie die Heringe verfrachtet. Kaum blieb für einem jeden soviel Raum, daß er sein Bündel hinlegen konnte. Mich beschlich die Angst, sollte auch unser

Portanto, a gente compra aqui com nosso dinheiro, apesar dos preços altos, muito mais barato do que lá. Se possível, em vez de levar dinheiro, é melhor levar produtos e outros objetos de uso.

O tempo passou em meio às providências de todo o tipo. Ao todo eram treze malas. Passamos a festa de Natal, a festa da família, com a triste consciência que seria provavelmente a última vez por muito e muito tempo que festejaríamos entre os queridos parentes e amigos.

Não quero falar de toda a dor e o sofrimento da despedida; já sentia saudades de meu país antes de deixá-lo. Todas as mulheres que têm o árduo destino da imigração poderão compartilhar esse sentimento. A gente fica igual a uma criança, que olha pela primeira vez para um mundo distante, já sentindo que ficou sem pátria.

Em 23 de março de 1907 meu marido e eu chegamos a Hamburgo. Ali começaria a viagem longínqua pelo oceano. Como o nosso navio só partiria no dia 25 de março, tínhamos ainda dois dias para visitar a grande cidade portuária. Naturalmente, a minha admiração foi grande. Nunca tinha visto uma cidade portuária. Em geral, admirei-me mesmo com o impressionante porto. A vida do lugar, o trabalho e o movimento eram inquietantes. A todo o momento meus olhos fixavam-se no navio colossal, que nos serviria de morada nas próximas semanas. Passaram-se os dois últimos dias em terra alemã. Fomos a caminho do porto. Fui tomada novamente pela dor da despedida com tanta força, que achei que meus propósitos de ser forte e suportar não se manteriam firmes ali. Penso que o coração da mulher está mais preso à sua terra natal do que o coração do homem.

Quando entramos no porto Grasbrook, nosso navio ainda não estava pronto para receber todos a bordo, foi quando tivemos a oportunidade de observar uma cena estranha. Um grande navio a vapor estava sendo carregado com pessoas. Eram principalmente russos e

Schiff derart befrachtet werden? Mein Mann beruhigte mich damit, daß die Südamerika-Linie eine Massenauswanderung in solchem Maße nicht kenne. Am meisten Mitleid fühlte ich mit den kleinen und ganz kleinen Kindern, in deren Augen fast eine Angst zu lesen war über das Leben und Treiben um sie herum.

Mit einer Art Ehrfurcht betrachtete ich dann den gewaltigen Schiffskörper der „St. Catharina“, so hieß nämlich das Schiff, das uns nach Südbrasilien bringen sollte. Da lag es vor uns, machtvoll, stark und schwer, eine Beruhigung für den sich zum erstenmal solch einem schwimmenden Ungetüm anvertrauen soll.

Wir waren ziemlich die ersten; denn noch waren es drei Stunden bis zur Abfahrt. Zuerst mußten wir uns einer polizeilichen und ärztlichen Untersuchung unterziehen. Doch unser leibliches Befinden wurde als gut befunden. Ebenso wurde unser Gewissen von der Geheimpolizei als rein bezeichnet. Wir konnten das Schiff betreten. Ein Steward führte uns nach einer Familienkabine dritter Klasse. Zwischendeck gibt es für deutsche Auswanderer auf den deutschen Schiffen nach Südamerika nicht; es wird erst später gebraucht, wenn in Spanien Und Portugal Reisende and Bord Kommen. Die „St. Catharina“ war überhaupt ein Frachtdampfer, der nur nebenbei Reisende mitnahm, er hatte Raum für 500. Unsere Kabine war für 6 Reisende eingerichtet. Dreimal zwei Betten übereinander, ein Waschtisch und eine Bank, das war die ganze Einrichtung. Alles machte einen sauberen Eindruck. Der Dampfer machte ja seine erste Ausfahrt. Die eisernen Betten hatten nur einen Strohsack und ein Strohkopfkissen und eine leichte Decke. Es war darum gut, daß wir einem sack mit Betten bei uns behalten hatten. Unsere Kisten waren unten im Schiffe verstaut.

Mitterlerweile stellten sich die übrigen Mitreisenden ein, bis kurz vor der Abfahrt alle 32 anwesend waren. Eine Familie von 4 Mitgliedern, Mann, Frau und zwei Kinder im Alter von 5 und 10 Jahren, teilte unsere Kabine. Auch diese wollten als Kolonisten nach Südbrasilien. Die übrige Gesellschaft bestand vorwiegend aus jungen Männern, die wohl aus Abendteuerlust die Reise

poloneses. No mínimo 3000 viajantes de terceira classe que partiam para a América de Norte. Pude ver a imagem daquilo que lera muitas vezes: da penúria dos imigrantes. As pessoas estavam apinhadas como sardinhas. Quase não sobrava espaço para que colocassem suas trouxas. O medo me tomava, será que nosso navio vai ser carregado deste modo? Meu marido me acalmou dizendo que não há uma imigração em massa como esta pela linha América do Sul. Senti compaixão pelas crianças, principalmente daquelas bem pequenas, em cujos olhos se podia ler o medo da vida e do movimento em volta delas.

Ficava olhando o imponente navio “Sta. Catarina”, assim se chamava aquele que nos levaria à América do Sul, com uma espécie de admiração. Lá estava ele à nossa frente, poderoso, forte e pesado, um local tranquilo para aqueles que, pela primeira vez, confiariam em um gigante marítimo.

Fomos os primeiros, pois faltavam ainda três horas para a partida. Tínhamos que passar antes por exames médicos e por inquéritos policiais. E consideraram nosso estado de saúde bom. Da mesma forma, a polícia nos considerou de boa índole. Pudemos, assim, entrar no navio. Um comissário de bordo nos levou a uma cabine familiar de terceira classe. No navio alemão não há porão para imigrantes alemães que viajam para a América do Sul; só é usado posteriormente quando vêm a bordo viajantes na Espanha e Portugal. O “Sta. Catarina” era na verdade um navio de carga a vapor que levava paralelamente viajantes e tinha lugar para 500 pessoas. Nossa cabine estava equipada para seis pessoas. Três pares de camas, uma disposta sobre a outra, um lavatório, e um banco eram as nossas mobílias. Tudo dava a impressão de limpeza. Afinal, o navio a vapor fazia sua primeira viagem. As camas de ferro tinham apenas um colchão e um travesseiro de palha e um cobertor fino. Foi bom ter mantido conosco um saco com colchões. Nossas caixas ficaram guardadas na parte de baixo do navio.

unternahmen. Besonders fiel gleich ein dreiblättriges Kleeblatt aus. Schwer bewaffnet, jeder zwei Gewehre über den Schultern, einem Revolver und Dolch im Gürtel, hohe Schaftstiefel an den Füßen und angetan mit einem langen Gummimantel. Man sah es ihm an, sie zogen hinaus, um im Urwald Abenteuer zu erleben. Sie waren aber nicht so gefährlich wie sie aussahen. Sie entpuppten sich bald als drei wohlerzogene junge Deutsche die nur dafür sorgten, daß das Geld in Vater Spind nicht rostig wurde.

Dann war da eine alte Frau, die schon 30 Jahre in Brasilien lebte und während dieser Zeit sechsmal nach Deutschland gefahren war, um, wie sie sagte, einzukaufen. Was sie darunter verstand, habe ich nicht gewahr werden können. Ebenso war ein älterer Herr an Bord, der schon längere Zeit in Brasilien ansässig war. Auch er hatte in Deutschland Einkäufe gemacht. Er hatte in Brasilien eine Glasmalerei. Ferner eine Frau mit einem zehnjährigen Mädchen, deren Mann schon sechs Jahre in Brasilien als Kolonist lebte und nun verlangen nach seiner Frau und seinem Kinde hatte. Ein Russe, der kein Wort deutsch sprechen konnte, und zwei Polen, Vater und Sohn, waren die ausländischen Vertreter unserer Reisegesellschaft. Noch hatten nicht alle ihren Platz belegt, da hörte man das tiefe Geheul der Schiffsirene. Unser Schiff, das hart am Kai lag, wollte die letzten Trossen lösen, um den Weg über das Große Wasser anzutreten. Wir Mitreisenden gingen ans Deck, um zuzusehen, wie sich dieser Koloß von Stahl und Eisen in Bewegung setzte. Wir kamen gerade, wie das letzte Seil fiel, das es noch mit dem Lande verbunden hatte. Am Hauptmast stieg die liebe alte deutsche Flagge auf, ein Zittern ging durch das Schiff, langsam sah man, wo sich die Schiffswand von der Kaimauer entfernte. Die letzte Verbindung mit der Heimat war gelöst. Ununterbrochen flossen mir die Tränen aus den Augen.

3 VON HAMBURG NACH RIO GRANDE

Es wurde Abend, eine Nacht auf der Elbe. Wir standen am Deck

Os outros foram se acomodando e pouco antes da partida estavam no navio os 32 viajantes. Uma família com quatro pessoas: marido, mulher e duas crianças, uma de cinco e a outra de dez anos, dividiu conosco a cabine. Eles também queriam ir ao sul do Brasil para serem colonos. O restante era composto, na maioria, por homens jovens que faziam a viagem como uma aventura. Especialmente um grupo de três homens. Bem armados, cada um com duas espingardas sobre os ombros, um revólver e um punhal no cinturão, bota de cano alto nos pés e vestidos com um longo casaco de borracha. Percebia-se que estavam partindo para viver uma aventura na floresta. Mas eles não eram tão perigosos como pareciam. Logo se revelaram como três jovens alemães bem educados, que apenas estavam preocupados em não deixar o dinheiro enferrujando no cofre do pai.

Havia também uma mulher idosa que já morava há trinta anos no Brasil. Durante este tempo voltara à Alemanha seis vezes, como ela disse, para fazer compras. O que ela vivenciou lá, não consegui descobrir. Da mesma forma havia um senhor a bordo que já residia há bastante tempo no Brasil. Ele também fizera compras na Alemanha. Ele tinha uma empresa de pintura de vitrais no Brasil. Um pouco mais distante estava uma mulher com uma menina de dez anos e cujo marido já morava no Brasil como colono há seis anos e que agora tinha saudades de sua esposa e filha. Um russo que não sabia falar uma palavra em alemão e dois poloneses, pai e filho, eram os representantes estrangeiros de nosso grupo de viagem. Nem todos haviam ocupado seus lugares quando se ouviu o apito da sirene. Nosso navio, que estava parado no cais, queria soltar suas últimas cordas para tomar o imenso caminho das águas. Nós, os viajantes, subimos ao convés para ver como este gigante de aço e ferro começava a se movimentar. Chegamos a tempo de ver a última corda cair, aquela que ainda nos ligava à terra. No mastro principal subia a velha e amada bandeira alemã, e estremecendo, o navio saía lentamente e conseguimos ver como a parede

und sahen in unbestimmtem Dunkel die Schatten des Ufers an uns vorbeiziehen. Lange standen wir hier, um nochmals in Gedanken Abschied zu nehmen von der Heimat. Endlich trieb uns der kalte Märzwind hinunter in die Koje, die mit ihrer Dampfheizung einen recht angenehmen Aufenthalt bot. Nur war alles eng, aber auf dem Schiff muß Raum ausgenutzt werden. 4 – 5 Wochen ließen sich schon aushalten. Ich hatte mir den Aufenthalt auf dem Schiffe viel, viel schlimmer vorgestellt. Uns gegenüber, in der großen Kabine wo sämtliche alleinreisende Männer untergebracht waren, war noch reges Leben. Lautes Singen und die Töne einer Ziehharmonika waren deutlich zu hören. Den Männern schien der Abschied leicht zu werden. Ruhig glitt unser Schiff über das Wasser, die gewaltigen Schiffsmaschinen arbeiteten noch nicht. Ein Schlepper zog unser Schiff vorwärtz. Als ich nach einem gesundem Schlaf erwachte, konnte ich mich im ersten Augenblick kaum besinnen, wo ich war. An den kleinen runden Schiffsfenstern, Bullaugen genannt, merkte ich es dann. Ein eigentümliches, wiegendes Gefühl sagte mir weiter, daß wir uns schon auf hoher See befanden. An dem Zittern des Schiffes verspürte man, daß die Maschinen anm Arbeiten waren.

Oben angekommen, war nichts zu sehen; es war dichter Nebel. Wir zogen es daher vor, in den Eßraum zu gehen. Bald kam auch der Steward mit Kaffee, Brot und Butter. Das Essen wurde gemeinschaftlich eingenommen. Es war die ganzen Wochen gut. Zu Mittag gab es Suppe, Gemüse, Kartoffeln und Fleisch. Das Fleisch war stets gekocht, es war gesalzenes Rind oder Schweinefleisch. Zur Abwechslung gab es jede Woche einmal frisches Rindfleisch, es waren nämlich einige Ochsen mitgenommen, die an Bord geschlachtet wurden. Das Gemüse war Dörr-oder Salzgemüs Einmal in der Woche Stockfisch und des Sonntags als Zugabe einen gewaltigen Mehlkloss mit Pflaumen.

Das Leben an Bord wurde nach den ersten Tagen, wo noch alles neu war, recht langweilig. Es fehlte an Arbeit. Schon hatten wir Frauen Umschau danach gehalten und erhielten vom Koch die Erlaubnis, die täglich nötigen Kartoffeln zu schälen. So hatten wir wenigstens einige Stunden zu tun. Am zweiten Tage nach der Abfahrt meldete sich bei den meisten Reisenden die

do navio ia se distanciando do muro do cais. Foi desatado o último laço com minha terra. As lágrimas caíam de meus olhos sem parar.

2 DE HAMBURGO PARA RIO GRANDE

Era fim de tarde, uma noite no rio Elba. Estávamos no convés e víamos na escuridão indefinida as sombras das margens que passavam por nós. Ficamos muito tempo ali mergulhados em pensamentos para novamente nos despedir de nossa pátria. Até que o vento frio de março nos levou para a cama do navio que nos oferecia uma agradável estada com seu aquecedor a vapor. Tudo era, entretanto, apertado, mas em um navio todo espaço deve ser aproveitado. Quatro ou cinco semanas ainda é possível suportar. Tinha imaginado que ficar em um navio fosse muito pior. Na nossa frente, na cabine grande, onde foram colocados todos os homens que viajavam sozinhos, havia grande agitação. Dava-se para ouvir claramente um cantar alto e o som de acordeão. Parece que a despedida não é tão difícil para os homens. O nosso navio deslizava sobre a água, suas potentes máquinas não tinham começado a funcionar ainda, pois um rebocador puxava nosso navio. Quando despertei do sono tranquilo que tivera, mal pude em um primeiro momento me lembrar de onde eu estava. Ao olhar as janelinhas redondas do navio, chamadas vigias, consegui me dar conta. Um sentimento estranho e pesado dizia-me que já estávamos em alto mar. Pela vibração do navio notava-se que as máquinas estavam funcionando.

Ao chegar à parte de cima, não tinha mais nada para se ver; havia uma densa neblina. Antecipamo-nos indo ao salão de refeições. Logo chegaria o comissário de bordo com café, pão e manteiga. As refeições eram feitas coletivamente. Foram boas durante toda a semana. No almoço havia sopa, legumes, batatas e carne. A carne era sempre cozida; era carne de

Seekrankheit. Ich habe auf der ganzen Hin und Rückreise keine Seekrankheit gehabt. Die junge Frau aber, die mit uns die gleiche Kabine bewohnte, ist die ganzen fünf Wochen der Reisedauer nur stundenweise von der Krankheit befreit gewesen.

Nachden wir die Kanallänge zwischen Dover und Calais hinter uns gelassen, wurde die See so gewaltig unruhig, daß mein Mann und ich die einzigen Gäste am Mittagstisch waren, alle anderen waren von der Seekrankheit erfaßt. Zwei Tage später lief unser Schiff in den portugiesischen Hafen Lisboa ein. Hier bekamen wir noch 100 Zwischendecker an Bord. Es war eine bunte Gesellschaft lebhafter Portugiesen. Wir Deutsche kamen aber mit den Portugiesen nicht in Berührung. Ihrer Gewohnheit gemäß nahmen sie schon um elf Uhr ihr Mittagessen, wir dagegen aßen erst um ein Uhr zu Mittag. Die Portugiesen bekamen als Mittagessen viermal in der Woche Stockfisch und dreimal weiße Bohnen.

Nachdem wir die portugiesische Küste verlassen hatten, merkten wir, daß wir in ein wärmeres Klima kamen. Die warmen Kleider waren gut zu entbehren. Einige Tage noch, und die glühend heiße Sonne des Südens verbrannte unsere empfindliche Haut. Sonnensegel wurden zum Schutze der Reisenden aufgespannt. Bis Portugal hatten wir immer noch Land in Sicht gehabt; dann aber drehte unser Schiff nach Südwest, und es ging auf Nordbrasilien zu. Vierzehn Tage lang bekamen wir kein Land zu sehen. Es war für uns eine langweilige Zeit, obschon uns der Kapitän erlaubt hatte, das ganze Deck des Schiffes zu benutzen. Kajütenpassagiere, die wir hätten stören können, befanden sich nicht an Bord. Bei der langen Dauer der Fahrt wird einem der Raum bald zu klein. Die Hitze wird immer größer. So aus dem kalten Winter hieher versetzte, unter den glühenden Strahlen der Aequatorsonne, das ist etwas zu viel für einem Norddeutschen. Hier ist am besten zufrieden, wer zwanzig Stunden am Tage schlafen kann. Ueberall, wo nur ein schattiges Plätzchen zu finden war, hatte sich der eine oder andere der Reisegefährten niedergestreckt. Schlaffen zu jeder Tageszeit war die Hauptbeschäftigung auf hoher See.

porco ou boi, conservada no sal. Para variar, havia, uma vez por semana, carne fresca de gado. Na verdade, alguns bois foram trazidos e abatidos a bordo. Os legumes eram secos ou conservados com sal. Uma vez por semana havia bacalhau, e a refeição de domingo era acrescida de bolinho de farinha com ameixas.

Depois dos primeiros dias, onde tudo era novo, a vida a bordo se tornou tediosa. O trabalho fazia muita falta. Após obtermos informações, nós, mulheres, conseguimos a permissão do cozinheiro para descascar as batatas diariamente. Ao menos tínhamos algo a fazer por algumas horas.

No segundo dia após a partida, a maioria dos viajantes ficou com enjôo. Tanto na viagem de ida quanto na de volta não tive náuseas. Porém, a jovem senhora que compartilhava nossa cabine ficou apenas algumas horas sem enjôo durante as cinco semanas de viagem. Depois de deixarmos para trás o canal entre Dover e Calais, o mar ficou tão agitado que meu marido e eu éramos os únicos à mesa na hora do almoço; todos os outros ficaram enjoados do balanço do mar.

Dois dias depois, nosso navio chegou ao porto português Leixões. Ali, recebemos a bordo mais cem passageiros de terceira classe. Era uma tripulação expressiva de animados portugueses. Nós, alemães, não tínhamos muito contato com os portugueses. O costume deles era almoçar às 11:00h, enquanto nós comíamos apenas às 13:00h. No almoço, os portugueses comiam bacalhau quatro vezes por semana e feijão branco três vezes.

Depois que saímos da costa portuguesa, percebemos que estávamos entrando em um clima mais quente. Agora os vestidos quentes eram dispensáveis. Mais alguns dias e o ardente sol quente do sul queimava nossa pele ainda sensível. As velas foram desfraldadas para a proteção dos viajantes. Até Portugal tínhamos sempre terra à vista, mas depois nosso navio virou para o sudoeste e foi para o norte do Brasil. Foram catorze dias

Mein Mann vertrieb sich die Zeit mit dem Fang von Möwen, die unser Schiff stets in großen Scharen umschwärmten und von uns regelmäßig gefüttert wurden. Er hatte hierzur seine eigene Fangvorrichtung. Sie war sehr einfach. Ein zwanzig Meter langer starker weißer Zwirnfaden, an dessen Ende ein halbes Streichholz befestigt wurde, das war alles. Man stellt sich hinten am Schiff auf das äußerste Ende und läßt den Zwirn mit den Streichholz frei in der Luft fliegen. Die schnelle Bewegung des Schiffes läßt den leichten Zwirn nicht hinunter ins Wasser fallen. Das andere Ende in der Hand, bildet der Zwirn eine gerade Linie. Fliegt nun eine Möwe, der gleichzeitig wird, gegen den Zwirn, so dreht sich der Zwirn mit dem Streichholz um die Flügel und Füße des Tieres, und es kann mit leichter Mühe an Bord gezogen werden.

Diese Fangart, oft stundenlang, ist für jemand, der nicht weiß, wie er seine Zeit totschlagen soll, ein Zeitvertreib. Unser Steward stopfte die Vögel aus, um sie später im Hafen zu verkaufen.

Ich vertrieb mir die Zeit mit Lesen. Die jungen Leute spielten Karten oder Schifflpat, ein Spiel, das auf sämtlichen Schiffen gespielt wird. Mit einem schaufelförmigen Brett werden runde Holzscheiben auf den glatten Boden des Schiffes vorgestoßen, müssen bestimmte mit Kreide gezogene Felder treffen. Bei der schwankenden Bewegung des Schiffes gehört zu diesem Spiel eine große Geschicklichkeit.

Am Abend wurde nach der Musik einer Ziehharmonika getanzt; und wenn auch der Schweiß in Strömen floß, getanzt wurde doch, sogar unter dem Aequator. Matrosen, Heizer und sonstige Schiffsbesatzung fanden sich ein, und so fehlte es nicht an Tänzern, nur die Tänzerinnen waren sehr rar. Wenn ich nur die ersten Töne der Harmonika hörte, verschwand ich schleunigst in der Kabine, um nicht bei der großen Hitze tanzen zu müssen.

Nachdem wir 14 Tage nach Verlassen Portugals nichts als Wasser um uns gesehen hatten, kam am 15. Tage das Festland von Mittelbrasilien in Sicht. Freudigen Herzens wurde es von allen begrüßt, kam man doch dem Ziele näher.

sem ter terra firme à vista. Foi um período enfadonho para nós, embora o capitão tivesse permitido que ocupássemos todo o convés do navio. Passageiros de primeira classe, os quais poderiam se incomodar conosco, não se encontravam a bordo.

Devido à longa duração da viagem, logo o espaço se tornou pequeno. O calor foi aumentando cada vez mais. Ser removida do inverno frio para os ardentes raios do sol equatoriano – isto é demais para uma pessoa do norte da Alemanha. Já quem conseguir dormir vinte horas por dia, ficará satisfeito ali. Um ou outro companheiro de viagem se esticava no chão, em qualquer lugar, onde fosse possível achar uma pequena sombra. Dormir a qualquer hora era a ocupação principal em alto mar.

Meu marido passava o tempo capturando gaivotas que sempre ficavam voando em bandos ao redor de nosso navio e que eram sempre alimentadas por nós. Para fazer isto ele tinha sua própria armadilha. Era muito simples: Um retrós de linha branca e forte com vinte metros de comprimento, em cuja ponta era fixada a metade de um fósforo. Isto era toda a armadilha. A pessoa se posicionava na parte de trás do navio, na ponta do convés e solta a linha com o fósforo para baixo, que ficava voando livremente no ar. O movimento rápido do navio não deixa a linha cair na água. Na mão, a outra ponta formava uma linha reta. Assim que uma gaivota voava, jogava-se a comida contra a linha. Depois girava-se a linha com o fósforo em volta das asas e dos pés da ave, que podia ser puxada a bordo sem grande esforço.

Este tipo de armadilha, que frequentemente durava horas, era um passatempo para quem não sabia como matar as horas. Nosso comissário de bordo empalhava as gaivotas para depois vender no porto. Eu passava o tempo lendo. Os jovens jogavam cartas ou *Shuffleboard*, um jogo praticado quando se navega coletivamente. Com um taco de madeira em forma de

Unser Schiff steuerte auf Maceió zu, wo Fracht ausgeladen werden sollte. Noch an demselben Abend fielen die Anker in der Bucht von Maceió. So hatten wir beim Untergang der Sonne Gelegenheit, den ersten Eindruck von Brasilien in uns aufzunehmen. Hauptsächlich bewunderte ich die riesigen Palmen. Stolz schaukelten ihre langen Palmwedel in Winde.

Von der Stadt war nicht viel zu sehen. Wegen des flachen Strandes lag unser Schiff wenigstens 1000 Meter von Ufer entfernt. Es hatte auch schon Besuch bekommen. Vom Lande kamen Neger und Mulatten dutzendweise mit ihren einfachen, ausgehöhlten Baumstämmen herangefahren und boten Bananen, Apfelsinen, Zitronen und Kokosnüsse zum Kauf an. Für 50 Pfennige konnte man einen ganzen Strauch Bananen kaufen. Apfelsinen für jede Münze, die man reichte. Die schwarze Gesellschaft durfte aber nicht an Bord. Sie kamen nämlich selten allein und hätten beim Verlassen des Schiffes allerhand Ungeziefer zurückgelassen. Schon hatte man Strike genommen und hinuntergelassen und, nachdem man handelseinig geworden, wurden die Früchte in Taschen oder Körbchen heraufgezogen. Die Negerjugend führte sich als Taucher vor. Jedem Geldstück, das man in Wasser warf, tauchten sie nach. Ihre Geschicklichkeit war darin so groß daß auch nicht ein Geldstück verlorenging. Das Geld steckten sie in Ermangelung von Taschen einsach in den Mund.

Am folgenden Morgen ließen wir uns von einem Bootführer ans Land fahren, um die Sehenswürdigkeiten Maceíós zu bewundern. Meine ersten Eindrücke von Brasilien waren niederschmetternd.

Maceió ist ein Negerdorf. Außer einem Dutzend europäischer Handelshäuser nichts zu sehen als schmutzige Negerhütten aus Lehm. Vor diesen Hütten liegen die Schwarzen wie die Tiere, meist nackt oder nur mit Lumpen bekleidet. Männer wie Weiber rauchen aus kurzen Holzpfеifen und trinken Matte dazu, einen Tee, der dort wächst. Nur zwei Straßen hatten wir durchschritten, angebettelt von Dutzenden von Negerkindern, da hatte ich genug, es ekelte mich an, hier länger zu verweilen.

pá, são lançados discos de madeira no chão liso do navio que devem acertar os campos marcados com giz. Com o balanço do navio, era necessária uma grande habilidade para jogá-lo.

Ao entardecer dançava-se ao som de um acordeão e com o suor escorrendo, continuavam dançando, mesmo debaixo do sol da linha do Equador. Havia marinheiros, fomalheiros e outros trabalhadores do navio, portanto não faltavam dançarinos, mas as dançarinas eram raras. Ao ouvir as primeiras notas do acordeão, eu desaparecia rapidamente, indo para a cabine, para não ter que dançar naquele imenso calor.

Depois de catorze dias após a partida de Portugal, sem ver nada a não ser água, avistamos no décimo quinto dia a terra firme do Brasil central. As pessoas se cumprimentavam com alegria, enfim o destino se aproximava. Nosso navio rumou para Maceió, onde a carga seria descarregada. No final de tarde do mesmo dia, ele atracou na baía de Maceió. Assim, quando o sol estava se pondo, tivemos a oportunidade de ter a primeira impressão do Brasil. Fiquei admirada, principalmente, com o tamanho gigantesco das palmas. Suas longas folhas balançavam orgulhosamente ao vento. Não era possível ver muito da cidade. Nosso navio estava, no mínimo, a mil metros de distância da costa, pois a praia era rasa. O navio recebeu visitas. Às dúzias, vieram negros e mulatos em seus troncos de árvores escavados oferecendo bananas, laranjas, limões e cocos. Por 50 *Pfennig* se podia comprar um cacho inteiro de banana. Laranjas, por qualquer centavo que a gente achava que valessem. Os visitantes negros não podiam, entretanto, subir a bordo. Raramente viriam sozinhos e quando fossem embora deixariam no navio todo tipo de animais nocivos. Pegava-se uma corda e jogava-a para abaixo. Depois de realizada a negociação, as sacolas de pano ou cestos de frutas eram puxados para cima. Os jovens negros se mostravam mergulhadores. Mergulhavam para pegar qualquer moeda jogada na água. A habilidade deles era tamanha que não perdiam uma moeda sequer. Por falta de bolsas,

Das war also Brasilien, das Land, von dem mein Mann so viel Schönes erzählt hatte! Nur einem Gedanken hatte ich, zurück, nur zurück mit dem nächsten Dampfer! Nur schwer war ich für die beruhigenden Worte meines Mannes zu haben, Südbrasilien wäre nicht mit diesem Aequatorbrasilien zu vergleichen. Ich war froh, als ich wieder an Bord war und andere Menschen sah.

Am Tage darauf fuhren wir weiter. Von nun an blieb uns aber Land in Sicht Einige Tage später sahen wir aus weiter Ferne die Hauptstadt Rio de Janeiro. Unser Schiff fuhr aber nicht diesen Hafen, sondern gleich nach San Franzisko, den Hafen von Blumenau. Hier fand man wieder deutsche Landsleute. Das kleine Städtchen machte den Eindruck wie ein ganz kleines Landstädtchen in der Heimat. Die „St. Catharina“ löschte hier einem Teil ihrer Ladung. Fünzehn schwere Lokomotiven nebst Tender wurden aus dem gewaltigen Bauche des Schiffes hervorgeholt und mit großen Schiffskränen ans Land gesetzt, als wären die schweren Maschinen aus Pappe. Am Schiff aber konnte man es bemerken, wie es immer leichter wurde. Das Hinterteil des Schiffes hob sich bei jeder neuen Maschine, die hervorgeholt wurde, eine ganze Handbreit.

Als alles entladen war, ging das Vorderschiff bedeutend tiefer. Zwei Tage sollten wir hier zum Umstauen liegenbleiben. An 60 Neger kamen an Bord, um die im Vorderschiff lagernde Zementladung nach hinten zu tragen. Alle vier Stunden wurden sie abgelöst. Tag und Nacht wurde geschafft. Immer im kurzen Trab, trabten sie an einer Seite von Bord mit einem Zementfaß beladen und warfen es an der hinteren Luke ab. Hier standen vier Mann bereit, nahmen es an und ließen es hinuntergleiten. So ging es in endloser Kette weiter. Man konnte sehen, daß sie in Stücklohn arbeiteten, vier Stunden zu traben, die halbe Zeit mit einem Zentner Zement beladen, das war eine mühselige Arbeit. Daß man bei solchem Lärm nachts nicht schlafen konnte, ist leicht zu verstehen. Wir blieben darum auf Deck und sahen dem Treiben zu.

Einmal trat eine Stockung ein; ein Pfiff, und jeder Neger saß auf seinem Zementfaß. Gerabe vor uns setzte sich ein langer, pechschwarzer Kerl hin.

simplesmente metiam o dinheiro na boca. Na manhã seguinte, partimos para a terra com um barqueiro para admirar as belezas de Maceió. As minhas primeiras impressões do Brasil foram decepcionantes.

Maceió é uma vila de negros. Tirando uma dúzia de casas de comerciantes europeus, não há mais nada para se ver do que sujos casebres de barro. Em frente destes casebres os pretos ficam deitados como animais, a maioria pelados ou vestidos com trapos. Tanto os homens como as mulheres ficam fumando em pequenos cachimbos de madeira e bebendo Matteredo, um chá da região. Andamos em apenas duas ruas, interrompidos pelos pedidos de esmola de dúzias de crianças negras, e para mim foi o suficiente; enojava-me demorar um pouco mais ali.

Isto era o Brasil, o país, sobre o qual meu marido contava tanta beleza! Eu só tinha um único pensamento: voltar, apenas voltar no próximo vapor! Foi difícil aceitar as suas palavras tranquilizantes: não se pode comparar o sul do Brasil com este da linha do Equador. Fiquei feliz por estar de volta ao navio e ver outras pessoas.

Um dia depois continuamos a viagem. Dali em diante a terra ficou sob nossas vistas. Dias depois, vimos bem distante a capital Rio de Janeiro. No entanto, nosso navio não rumou para este porto, mas diretamente para São Francisco, o porto de Blumenau. Lá pudemos encontrar mais alemães. A cidadezinha dava a impressão de uma pequena cidade provinciana na terra natal. O “Sta. Catarina” descarregou uma parte de sua carga. Quinze pesadas locomotivas junto com os tênderes foram retirados da imensa barriga do navio e colocados em terra por seus grandes guindastes. Podia-se notar no navio, como ele ficava cada vez mais leve. A parte de trás se erguia toda vez que se retirava uma nova máquina.

Quando tudo estava descarregado, a proa ficou significativamente mais imersa. Dois dias ficaríamos ali para relocar a carga. Sessenta negros aproximadamente subiram a bordo para levar para trás o

Gerade sagte ich zu meinem Mann: „Sieh mal, das ist ein ganz hübscher Kerl“, da drehte sich der Schwarze um und fragte: „Meinem Sie, daß ich ein hübscher Kerl bin?“ und dabei zeigte er lächelnd seine weißen Zähne. Ich war ganz verlegen, das kann man sich denken.

Der Neger erzählte uns dann, daß seine Eltern früher Sklaven bei einem Rheinländer gewesen, der als Kolonist dort gewohnt hätte. Als die Sklaverei aufgehoben worden, war er als Kind bei dem Kolonisten geblieben, und so hatte er natürlich die Sprache erlernt, die er als einzige gehört hatte. Einem drolligen Eindruck macht es immerhin, wenn ein Neger rheinländisch spricht. Er war ein lieber Kerl. Er fragte mich ganz bescheiden, ob kein Brot beim Abendessen übriggeblieben sei, ein Neger habe immer nur Maisbrot. Dem schwarzen Mann sollte geholfen werden, dachte ich, ging hinunter in den Eßraum, wo immer Brot genug war, nahm ein Weißbrot, schnitt es der Länge nach durch und bestrich es dick mit Butter. Nun ging ich wieder hinauf und steckte das große Butterbrot meinem schwarzen Freund heimlich zu. Hätten die andern es gesehen, dann hätte ich bald 60 Freunde gehabt. Kaum hatte der Schwarze seine Eroberung in einen umhängenden Beutel gesteckt, erscholl wieder ein Pfiff, und der Dauerlauf begann von neuem.

Ich hatte später oft Gelegenheit, das Leben der Neger zu betrachten, und will an dieser Stelle derer gedenken, die heute in ganz Amerika so verachtet sind. Die Neger in Südamerika sind Ueberreste aus der Sklavenzeit, damals als Sklaven wie ein Handelsgegenstand eingeführt. Vor einigen 30 Jahren wurde ihnen die Freiheit geschenkt, jede Sklavenhaltung wurde verboten. Nun waren die Neger sich selbst überlassen. Männer, Frauen und Kinder standen zu Tausenden verlassen im Lande. Die angeborene Trägheit ließ sie in der Freiheit nicht mehr arbeiten, als eben nötig war das Leben zu fristen. Dem Kinde gleich lebten sie dahin. Ist doch der Neger am besten einem Kinde zu vergleichen, das nicht kann, ohne daß eine starke Hand es führt. Heute werden diese Schwarzen von den Südamerikanern verachtet, gehaßt und gehetzt und nicht als Menschen

cimento depositado na proa. A cada quatro horas eles eram substituídos. Trabalhou-se dia e noite. Sempre com movimentos curtos, eles troteavam em um lado da embarcação, carregando um saco de cimento para jogar na escotilha de trás. Ali ficavam quatro homens para pegá-lo e deixá-lo escorregar para baixo. E assim era feito em uma cadeia infinita. Notava-se que trabalhavam por um pagamento em moedas. Carregar quatro horas, meio período, cinquenta quilos de saco de cimento, era um trabalho árduo. Portanto, com todo este barulho, é fácil entender que não se podia dormir à noite. Por isso, ficávamos no convés olhando o movimento.

Certa vez houve uma parada; um apito, e cada negro se sentou sobre o seu saco de cimento. Bem a nossa frente se sentou um sujeito alto, preto como carvão. No mesmo momento, disse ao meu marido:

-Veja só, este é um sujeito muito lindo!

Neste instante o negro virou-se e perguntou:

-A senhora acha, Madame, que sou um sujeito lindo? E mostrou, sorridente, seus dentes brancos.

Pode-se imaginar o quanto fiquei envergonhada.

O negro contou-nos que seus pais foram escravos na casa de um renano, que vivera ali como colono. Quando a escravidão foi abolida, como era criança, ficou com os colonos e, portanto, aprendera a língua, que era a única que ouvia. Era engraçado ouvir um negro falando alemão renano. Ele era uma pessoa amável. Muito timidamente perguntou-me se não sobrara pão do jantar. Um negro só come pão de milho. Este homem negro pode ser ajudado, pensei. Desci ao salão de refeições, onde sempre havia pão suficiente, peguei um pão de trigo grande, cortei inteiro na transversal e passei bastante manteiga. Depois subi novamente e, às escondidas, dei ao meu amigo negro o pão com manteiga. Se os outros tivessem visto, logo, teria mais sessenta amigos. O negro mal enfiou sua conquista na sacola, o apito ressoou novamente e o trabalho recomeçou.

angesehen. Ich habe als Frau oft Mitleid gefühlt mit diesen Armen, die so leicht zu leiten sind.

Nachden die Umladung besorgt war, fuhren wir weiter, unserm Bestimmungshafen, entgegen. Drei Tage später erreichten wir Rio Grande. Alle an Bord freuten sich, endlich nach vierwöchiger Fahrt den Dampfer zu verlassen. Hatten wir an Bord auch nichts zu tadeln gehabt, so war es doch die tödliche Langeweile, die jedem den Wunsch nach seinem Ziel immer wieder in sich regen machte. Jetzt lag es vor uns. Was wird uns das so heiß ersehnte Land bringen? Wird es nur einem Teil der Wünsche erfüllen, wird es uns die Heimat ersetzen? Wir standen um Mittag am Reling des Schiffes, neben uns der Arzt des Schiffes, der schon einige Male die Fahrt nach Südbrasilien mitgemacht hatte. Nun zeigte er in die Ferne, wo ein grauer Schatten zusehen war, und sagte: „Sehen Sie, dort liegt Rio Grande do Sul“.

Wie mich diese paar Worte packten: Rio Grande do Sul, meine zweite Heimat! Längst hatten sich der Doktor und mein Mann entfernt, immer noch stand ich am Reling und schaute aus nach Rio Grande do Sul.

Posteriormente, tive a oportunidade de observar a vida dos negros, e quero neste trecho refletir como os negros são desprezados hoje em toda a América. Os negros na América do Sul são os restos da escravidão. No tempo em que foram escravos eram importados como objeto de comércio. Há trinta anos aproximadamente foram presenteados com a liberdade. Toda forma de escravidão foi proibida. Os negros, portanto, foram largados sozinhos.

Homens, mulheres, crianças, milhares ficaram abandonados no país. Com a liberdade, a preguiça inata não os permitia trabalhar, mesmo quando era necessário para manter a própria vida. Eles viviam como criança. É melhor comparar o negro a uma criança, a qual não pode viver sem que mãos firmes a conduzam. Hoje, estes negros da América do Sul são desprezados, odiados e insultados e não são vistos como gente. Sendo mulher, frequentemente sentia compaixão destas pobres pessoas, que são tão fáceis de conduzir.

Depois que a troca de carga foi realizada, continuamos a viajar em direção ao nosso porto de destino. Três dias depois chegamos ao Rio Grande. Todos a bordo se alegraram em, finalmente, deixar o barco a vapor, depois de quatro semanas de viagem. Se não tínhamos nada para criticar a bordo, pairava um tédio mortal que fazia com que todos desejassem alcançar o seu destino. Agora lá estava ele bem à nossa frente. O que este país tão desejado trará para nós? Será que vai atender parte de nossos desejos? Será que vai substituir a nossa pátria? Ficamos por volta do meio-dia na amurada do navio. Ao nosso lado o médico da embarcação, que já fizera algumas vezes esta viagem ao sul do Brasil. Ele apontou para longe, o lugar onde se via uma sombra cinza, dizendo:

- Olhe, ali fica o Rio Grande do Sul!

Como estas palavras me impressionaram! Rio Grande do Sul, minha segunda pátria! Já fazia algum tempo que o médico e meu marido tinham se afastado, e eu ainda estava ali, na amurada, olhando para o Rio Grande do Sul.



ELEMENTOS DA RELAÇÃO PÚBLICO E PRIVADO E OS MODOS DE VIDA NA CIDADE

ELEMENTOS DA RELAÇÃO PÚBLICO E PRIVADO E OS MODOS DE VIDA NA CIDADE

Queli Flach Anschau*

RESUMO

A ideia deste artigo é debater como a esfera pública é traduzida. Consiste numa tentativa de compreender o que leva a sutil relação privatista sobre a coisa pública. Onde nessa relação, elementos do social -vida privada- e do político -vida pública- se imbricam. Qual o verdadeiro papel da esfera pública na contemporaneidade, sem dúvida é essa a questão norteadora desse artigo. Isso nos remete a buscar também qual a representação de espaço público, de práticas políticas e por sua vez, de cidade, que temos atualmente. Para tanto, resgatamos Hanna Arendt (1981, 1983), Agnes Heller (2004), Sergio Costa (1994) e Magnani (1989), que, numa tessitura simples, problematizam o conceito de esfera pública, possibilitando-nos a reflexão sobre as práticas estabelecidas ao longo da história nos espaços públicos da cidade. Para facilitar o processo de compreensão do funcionamento do espaço público, também contextualizamos a história das cidades, seus modos de vida bem como suas peculiaridades e interfaces comuns ao processo de urbanização brasileira. Para por fim, falar dos espaços públicos de uma cidade em especial: Blumenau. Que é especial pela abordagem, mas que se transforma a luz dos conceitos debatidos pelos autores citados tal qual outra cidade, e determina modos de vida nada incentivadores do exercício político, especialmente os cidadãos/emancipatórios provocados pela/na esfera pública.

* Assistente Social/FURB, Especialista em Educação Popular e Movimentos Sociais/ISULPAR, Mestre em Sociologia Política/UFSC ex professora Substituta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. E-mail: qanschau@gmail.com Fone; 47. 91020326

Para discutir espaços públicos, tornou-se indispensável dialogar com Hannah Arendt (1983) quando de seu debate sobre as transformações da esfera pública na modernidade, o qual traz referências analíticas para reconhecermos esse processo e construirmos elementos contextualizados a esse respeito.

A riqueza da abordagem de Arendt (1983) consiste em reconhecer as peculiaridades da esfera pública, exaltá-la como espaço potencial das interações, articulações e de constituição da vida política. Considerando que a esfera pública sempre acolheu e repercutiu as ações nela exercitadas, a autora afirma que não se trata de um espaço estanque, linear e sim, dinâmico pois, “[...] muda segundo as atividades que nela são admitidas [...]” e ainda, por excelência é o espaço das revelações, de modo que “[...] nem a educação nem a engenhosidade nem o talento podem substituir os elementos constitutivos da esfera pública, que fazem dela o local adequado para a excelência humana” (ARENDT, 1983, p.59).

Uma das considerações fundamentais do pensamento de Hannah Arendt (1983) é sobre o fato de os homens, como tais, serem indivíduos únicos, capazes de uma ação original, a qual só é possível se exercida no público, na esfera pública.

Para a autora, o espaço público é o espaço do aparecimento e da visibilidade, o espaço da experiência humana, sendo dessa experiência que nasce o pensamento e a possibilidade da construção da realidade e, por conseguinte, da garantia da história. Por isso que para Arendt (1981), a perda do espaço público é mais que a perda de um espaço comum entre os homens.

O espaço privado, na discussão de Arendt (1981), seria o espaço das necessidades, da construção subjetividade, que, se trazida para o âmbito público, levaria os indivíduos a agirem a partir do imperativo da necessidade, ou seja, da defesa de seus interesses subjetivos. Para Arendt,

os imperativos da necessidade invadiram a esfera do público de tal forma, que esta terminou por se desconfigurar, transformando-se numa vasta administração técnica e burocrática, a qual existe apenas em função da economia (TELLES, 1990, p.2)

A grande discussão de Hannah Arendt (1981) sobre esfera pública passa pela seguinte problematização: Na modernidade, as fronteiras entre público e privado se diluíram, as necessidades subjetivas dos indivíduos invadiram a cena do espaço público levando-os à decadência da condição humana pela privação do exercício da liberdade, pelo descredenciamento da ação e da palavra como algo cheio de significados e sentidos para a construção da história dos homens. Pois, para a autora, a perda do espaço público significa mais do que a perda do espaço comum entre os homens: é a perda da condição humana, do ato criativo e ordinário do homem.

O que sentimos falta na discussão travada por Arendt (1981) são alguns elementos de considerações sobre as ações do privado que transcendem as fronteiras entre o público e privado, ações estas que - apesar de não consideradas em sua análise - entendemos não se constituir apenas em necessidades subjetivas que, por sua vez, podem levar a um desvirtuamento do espaço público.

Concordamos com seu pensamento no que diz respeito ao exercício para a excelência da condição humana na esfera pública, entretanto, devemos acrescentar que a esfera pública é também um espaço de conflitos e potencialidades humanas, não apenas no que se refere ao aspecto da formação do pensamento crítico ou da ação política. Mesmo com as fronteiras entre o público e privado tendo se diluído na modernidade, como afirma a autora, abrindo brechas para uma massificação e exercícios autoritários, a esfera pública pode ainda, e, por esse acontecimento, se constituir como o espaço comum de exercício das potencialidades humanas, as quais provocam tanto

a construção de identidades sociais como a excelência humana, que para Arendt (1981), só é possível através do exercício político.

Cabe salientar, então, que em nosso trabalho resgatamos Arendt por considerar sua fundamental contribuição sobre o que vem a ser esfera pública, apesar de não ficarmos somente com seus aspectos políticos. Tomamos deste referencial analítico sua afirmação de diluição das fronteiras entre o público e privado para trazer à discussão elementos do privado, os quais na modernidade acessam a cena pública sem necessariamente se constituírem ação política. São elementos do social que adentram o espaço público, geram conflitos, apresentam necessidades subjetivas, mas também, publicizam práticas de sociabilidade e construção de identidades. E, como afirma Arendt, para o exercício político, levam também à reapropriação da própria coisa pública.

Neste sentido, trazemos Heller (2004) ao debate para acrescentar aos argumentos de Arendt (1981) outros, que considerem na fragmentação das fronteiras a possibilidade de novas práticas humanas e suas potencialidades no espaço público, não necessariamente da prática política.

É com Agnes Heller (2004) que a discussão de “esfera social” ganha consistência. Forte interlocutora dos escritos de Hannah Arendt, procura sempre tecer afirmações e questionamentos que ampliem a leitura sobre a autora. Em seu livro *A Condição Pós-Moderna da Modernidade* afirma que para o exercício da ação política, se fazem necessárias virtudes cívicas, que são elaboradas nas relações sociais.

Para ela as “[...] virtudes são traços de caráter tidos como exemplares por uma comunidade de pessoas” (HELLER; FEHÉR, 1989, p.117) e são cívicas porque envolvem atos civis, construção moral e social e não atos de direito constituídos em lei. Se relacionam com os valores universais da liberdade e da vida, pelo valor condicional da igualdade e

pelo valor de procedimento da racionalidade comunicativa (HELLER, 2004, p.117). Neste sentido, se elabora que as virtudes cívicas são comuns a todos, porque integram a *res publica*.

Precisamos desenvolver em nós as virtudes cívicas da tolerância radical, da coragem civil, da solidariedade, justiça e as virtudes intelectuais da *phronesis* e da racionalidade discursiva. A prática dessas virtudes faz da 'cidade' aquilo que ela deve ser: a soma total de todos os seus cidadãos. Quaisquer outras virtudes que homens e mulheres desenvolvam além dessas virtudes cívicas contribuem para sua própria vida boa. As virtudes cívicas contribuem para a vida boa de todos (HELLER; FEHÉR, 2004, p.88).

Ao incluímos as virtudes cívicas abordadas por Heller, consideramos na discussão a vida social como complemento do espaço público, em outras palavras, tratamos de relações subjetivas, familiares e articulações cotidianas, pois estas envolvem construção moral e social, como afirma a autora. Neste sentido, torna-se imprescindível em nosso trabalho esse resgate com Heller sobre as virtudes cívicas que nesse campo se consolidam.

Segundo Heller (2004), é impossível estar na esfera pública somente com a formação política ou para a construção dela. Ela afirma que o social também é político, mas o político não é social na medida em que para estar na esfera pública faz a negação do social, como vimos em Arendt (1983). O social reconhece o político antes desse devido às virtudes cívicas, mas isto não significa autonomia ou desalienação consciente. Talvez, signifique apenas um enfrentamento do/no contexto a partir das virtudes e não necessariamente de uma militância que se encontra no campo político.

Visando o esclarecimento da problemática, discorreremos a seguir sobre nossa compreensão de espaço público e onde as concepções de Agnes Heller (2004) se encaixam com mais propriedade na conjuntura dessa discussão.

Ao referenciar espaço público como espaço para o exercício de potencialidades, estamos tentando compreender a relação entre o político e o social nesse contexto. Entendemos que o primeiro agrega aos dois movimentos, numa espécie de ser e estar historicamente, sendo, reconhecido na sociedade contemporânea como processo democrático.

Antes desse aprofundamento, torna-se indispensável citar que foi Habermas (1990) quem popularizou o uso do conceito de espaço público ao apresentar a discussão sobre a mudança estrutural da esfera pública. No entanto, o resgatamos aqui apenas como referência histórica. Na reflexão desse autor, o espaço público se define como a esfera intermédia que se constituiu historicamente entre a sociedade civil e o Estado. É o lugar acessível a todos os cidadãos, onde um público se reúne para formular opinião, uma opinião pública. Para ele, o intercâmbio discursivo de posições racionais sobre problemas de interesse geral permite identificar uma opinião pública.

Entretanto, como nem tudo que acontece no espaço público tem somente cunho político, articulador ou discursivo, podemos considerar, portanto, que Habermas, apesar de fazer uma discussão com propriedade acerca do espaço público, tem sua ênfase, assim como Arendt (1981) na afirmação desse espaço somente como um espaço de articulações e essencialmente formador de homens e de opinião. Na discussão de Habermas acerca da esfera pública faltam, segundo Costa (1994), referências à necessidade de horizontalizar os processos decisórios. Para o autor; “o espaço público se mostra poroso à força expressiva não apenas dos argumentos, mas também da *performance* e das formas não-verbais de comunicação”. Ele chama atenção para o fato de que, se não houver esse reconhecimento, o espaço público pode se prestar indefinidamente à reprodução do poder daqueles que historicamente dominaram o processo de produção do discurso verbal.

Afirma Costa (1994) que nas democracias maduras, a esfera

pública se apresenta como um fórum comunicativo aberto e dinâmico, no qual novas questões são permanentemente introduzidas na ordem do dia. Para ele, não há uma distinção apriorística das fronteiras do público e do privado que defina de saída os temas passíveis de tratamento político. Nesse sentido, ele afirma que: “a esfera pública apresenta-se, como órbita porosa e ubíqua que perpassa todos os níveis da sociedade e incorpora o conjunto dos discursos, visões de mundo e interpretações que adquirem visibilidade e expressão pública” (COSTA, 1994, p.33)

Portanto, para esse autor, o que existe é uma variedade de fóruns e arenas comunicativas que, na medida em que reivindicam algum sentido político, convergem para a esfera pública nacional, compartilhada e acessível ao conjunto dos cidadãos. Em suma, nesse contexto, a esfera pública constitui uma arena viva e dinâmica, na qual tem lugar um permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução discursiva e simbólica da nação.

Esses elementos tomam maior dimensão na política democrática moderna, o que reside no alargamento do espaço político, na medida em que contempla um movimento de democratização dos espaços, das relações. Vale lembrar que falamos de uma democratização pautada nos moldes burguês e liberal, desatrelada totalmente das virtudes cívicas apontadas por Heller (2004).

A partir de Arendt, Jovchelovitch (1995), ao fazer a discussão sobre espaço público, reconhece a esfera pública como espaço para excelência humana. Contudo, também, chama a atenção para os novos formatos de esfera pública. Segundo ela, não é possível falar de espaço público nas sociedades modernas somente referenciando a *pólis* e o exercício político nela exercido. Para ela, o fato de as sociedades modernas terem adotado como referência os valores liberais e burgueses (a concepção de esfera pública explicita elementos do social regulador), há uma indistinção entre

o que é público e o que é privado. Os exercícios políticos na esfera pública ficam comprometidos nesse novo cenário, sendo isto o que referenciamos até o momento.

O fundamental da discussão de Jovchelovitch (1995) é que se reafirma a necessidade do exercício da vida pública. Para a autora, a vida pública possibilita as condições necessárias para a permanência e história, pois “[...] é a arena de encontros da vida pública que garantem as condições para descobrir as preocupações comuns do presente, projetar o futuro e identificar aquilo que o presente e o futuro devem ao passado” (JOVCHELOVITCH, 1995, p.68).

É nessa direção, do público como arena de encontros da vida pública para o exercício das dimensões social, comum e política, que colocamos em questão a ocupação desse espaço, em especial o espaço da rua, que nas cidades modernas é o espaço do passante, mas não necessariamente daquele que estabelece vínculos com os lugares e pessoas do mesmo espaço, ou, faz desse espaço palco político. Isso porque, como Certeau (1994), entendemos que sair de casa, andar pela rua, é efetuar um ato cultural, não-arbitrário que inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes, garantindo uma memória através da prática conforme um saber muitas vezes não sabido.

Assim, o espaço da rua assume o tratamento de espaço mediador de relações entre o público e privado, se constituindo o espaço comum. Por isso, a ênfase na rua, segundo Magnani,

designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que é fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGANANI, 1998, p.116).

Portanto, a rua em destaque não é a aparência, o abrigo ou

o corredor de passagem e serviço, e nem mesmo na sua gênese o espaço político, mas um espaço público que se constituiu também em palco das mais diversas potencialidades, podendo até ser o espaço político.

É essa direção que se quer dar ao presente trabalho quando referenciamos a rua como espaço das sociabilidades e de revelação de potencialidades, espaço intermediário que interage com elementos tanto do privado como do público, localizados dentro do espaço urbano. Para tanto, trazemos à cena a análise de uma situação concreta, a cidade de Blumenau, sob a hipótese de que o espaço público confunde-se com o privado, de modo que as potencialidades que seriam possíveis nas ruas, são tímidas devido à instalação de um controle social institucional do espaço público ao longo do seu processo de urbanização.

Na tentativa de explicitar esse movimento, faremos um breve resgate histórico da cidade de Blumenau, tentando entender onde se “perdeu” a cultura do público, ou, onde o privado se confunde ou, ainda, se estendeu sobre o público com seus valores e costumes. Em seguida, aprofundaremos o conceito de urbano, de cidade, para então retomarmos à rua como espaço, cujo exercício da apropriação e interação pode revelar muitas faces.

DESENVOLVIMENTO URBANO E OS PROPÓSITOS DA CIDADE

A CIDADE, A VIDA URBANA E OS MODOS DE VIDA

As cidades concentram grande parte da população e o essencial das potencialidades e dos problemas das sociedades contemporâneas. Constituem-se, por isso, reveladoras, de forma particularmente significativa, das mudanças sociais e culturais. É esta situação que as torna fascinantes como realidade vivida, mas também como objeto de estudo e de intervenção.

As cidades sempre se caracterizaram pelo seu grau de complexidade, sobretudo se comparadas com as áreas rurais. Todavia, a forma como cresceram e a relevância que ganharam tornaram esse fato evidente. As cidades são o espelho da complexidade das sociedades atuais e o palco, por excelência, da permanente produção dessa complexidade.

De acordo com Negt (2000), hoje, mais do que nunca, as cidades são espaços fragmentados do ponto de vista urbanístico, social e cultural. As fontes dessa fragmentação são diversas, podendo resultar de fatores tão distintos, tais como comportamentos sociais, estratégias imobiliárias ou políticas públicas urbanas. A consequência, porém, é a mesma para os grandes centros: a incomunicabilidade. Por falta de tempo, de vontade ou de capacidade, através de estratégias explícitas de distinção ou simplesmente como consequência da voracidade dos novos tempos, a cidade cresce e torna-se mais complexa num contexto de fragmentação cada vez mais acentuada. Este é um traço constitutivo das cidades contemporâneas, que deve ser analisado de forma rigorosa e que não pode deixar de apelar a novas formas de intervenção por parte da sociedade civil e da ação pública (NEGT, 2000).

Segundo o Censo do IBGE (2000), a cidade de Blumenau tem uma população de 261.868 habitantes, sendo 241.987 na área urbana e 19.881 na zona rural, apresentando em primeiro lugar características étnicas alemãs, depois, italianas e portuguesas. Por isso, apesar das várias transformações urbanas, sociais, ainda foi possível justificar e manter os “costumes tradicionais alemães”, com maior ênfase do que outras regiões do Brasil. Esses valores, apesar de alegres e festeiros, carregam simbolicamente algo de “ordeiro” e “próspero” a partir da ocupação ou do trabalho.

Considerando as várias culturas presentes em Blumenau e as transformações da cidade bem como a forma que se ocuparam e ocupam os espaços públicos, é possível perceber que a cidade, mesmo tendo

características forjadas como cidade “europeia”, apresenta demandas que são comuns às cidades brasileiras (VELHO, 1987).

O processo no qual a tradição alemã é resgatada, predominantemente na aparência das casas, nos jardins centrais e em festas como a *Oktoberfest*, fez com que os migrantes se distanciassem da vivência do espaço público central em prol da vida comum nos bairros e vilas, porém, mantendo um sentimento de veneração somente pelo belo apreciativo, aquele que é garantido na cidade, uma forma de orgulho “nacional”, orgulho por ser “cidadão” daquela cidade.

Talvez esteja aí, de forma sutil, uma forma de segregação entre os cidadãos e a cidade, pois, com esses distanciamentos, a participação tanto simbólica como concreta no meio urbano passa a ocorrer *au passant* e apenas de observação, sem intervenção ou interação mais intensa e participativa. Dentro dessa lógica, de não-participação ou não-apropriação, os espaços públicos são percebidos como, ou ganham, em Blumenau, uma nova representação simbólica de privados, espaço-do-outro: do turista e/ou do consumidor. Com isso, reafirma-se cada vez mais os espaços como privados. Nessa perspectiva, em Blumenau, estar nos espaços públicos pouco utilizados como praças, escadarias, calçadas, parques, com uma determinada frequência e permanecer sem “fins” concretos ou finalidade explícita de uso instrumental como parte da lógica do comprar, passear com a família e outras formas de lazer mais “tradicional”, é sinônimo de vagabundagem, de desocupação. Acessar os serviços públicos, por exemplo, requisitar segurança pública, dentro dessa lógica de ordem, é mero favor, quando não, a solicitação é revertida em regulação, ou seja, o privado se perpetua no espaço público a partir da dinâmica cotidiana de cada cidadão.

Esses elementos fazem com que os gestores não pensem de forma integrada, desenvolvendo políticas públicas fragmentadas, pautadas somente na lógica da inclusão social de algumas expressões que se negam a

pactuar com essa regulação. Ou seja, aquele que funcionalmente encontra-se fora da regra, sugere instabilidade e por consequência deve ser monitorado. Garante-se, assim, bem mais determinada ordem estabelecida do que a autonomia do público que a acessa.

Por consequência, se distancia a compreensão da rua como espaço de revelação e expressão de potencialidades, minimizando por sua vez, o exercício da cidadania. A cidade tem um grande papel na criação dos fomentos que conduzem à ampliação do grau de consciência dos sujeitos se considerada como espaço de revelação. Ocupar os espaços públicos e destacar a importância das praças, mercados públicos e outros espaços que caracterizam atividades sociais em comum significa, nesta perspectiva, apropriar-se da cidade ou da condição cidadã da vida,. No entanto, nas cidades modernas esses espaços estão concomitantes ao mercado.

Por isso, hoje não é possível dissociar o lazer do exercício pedagógico de inter-relação entre as pessoas e a cidade, especificamente no tocante à explicitação no espaço público através do passear em frente às vitrinas ou adquirir um produto. As pessoas se dirigem ao centro maior da cidade pela sua concentração de lojas, de modo que nada é visto ou observado além de vitrines, não há um estranhamento com as belezas oferecidas pela cidade, nem a elas algo se acrescenta: as relações se estabelecem a-historicamente. As praças viraram praças de alimentação, já os canteiros, mera divisão de rua ou oferta de mudas para as residências dos passantes, que nessa atitude expressam a banalização do público. O lazer, nessa perspectiva, é um movimento de consumo, de forma que as pessoas saem para comer, beber e comprar, e quando muito vão ao cinema que se localiza, em sua maioria, nos *shoppings centers*. Deve-se a isto, que a sua concentração em *shoppings* e outros espaços, que centralizam mais nichos de mercado a espaços de lazer e apreciação, esteja naturalizada.

Portanto, o fato de as cidades serem acolhedoras dessa ordem

significa a disseminação da representação de apenas serem corredor de serviço ou algo expositivo, fazendo com que o espaço público seja cada vez menos reconhecido como espaço cidadão e identificado com os cidadãos como tais, principalmente no caso da juventude e suas peculiaridades. Neste sentido, a ocupação dos espaços públicos sem o fim de comprar, se constitui ou é intitulada como delinquente e perigosa, pois, os cidadãos em geral, ainda são tímidos quanto ao reconhecimento da cidade como seu espaço, tendendo até mesmo a negá-la - intitulando quem a apropria - em detrimento da não-apropriação. Para Santos,

A vida de cada um, nesse lugar das grandes mutações, é uma grande incógnita, porque para a maior parte das pessoas a cidade, como um todo, ao primeiro contato é impalpável, não deixando entender apenas com o que apreendemos em suas enormes quantidades, nada mais que uma fração do todo (SANTOS, 2000, p.64).

Santos (2000) reflete ainda que por conta dessa lógica moderna são poucas as pessoas que conseguem viver a cidade num todo. Isso implica em jamais ocupar espaços amplos e públicos destinados a elas, fato esse que os jovens executam, e por isso, são censurados em suas ações.

Oscar Negt (2002) explica que esse fenômeno da desapropriação do urbano acontece também pela falta de tempo das pessoas para viver a cidade. A gestão, principalmente econômica de outra ordem, faz com que as pessoas interajam menos com a cidade e com o tempo, percam o interesse em defendê-la ou garanti-la mais politizada. Para ele é necessário o investimento numa cultura urbana, uma espécie de medida de meio, possível com justiça social, equidade e tempo para viver a cidade, porque “uma cidade sem justiça equitativa pode ter a beleza que quiser, nunca será capaz de desenvolver uma cultura urbana” (NEGT, 2002, p.25).

Se essa cultura urbana fosse garantida, teríamos o que Wirte (1987) afirmou sobre o *urbano* como modo de vida em detrimento dos

modos de vida no *urbano*, ou seja, o sujeito constituindo-se desse e nesse espaço, numa relação dialética que precisa ser reconhecida e garantida, pois é potencialidade (WIRTE *apud* VELHO, 1987).

Esse modo de vida de troca também é resgatado por Sawaia (1999) quando afirma que “cada cidade, bairro, rua até mesmo cada casa, tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processo – identidades de homens e de espaços” (SAWAIA, 1999, p.21).

Como podemos perceber, a cidade não é apenas uma unidade geográfica e econômica, mas também uma unidade ecológica e de relações sociais. Essa ideia perpassa todos os autores que discutem a questão da cidade humanizada, sendo considerada por nós. Neste sentido, é imprescindível compreender o que são espaços públicos dos quais falamos neste trabalho, para não cair numa análise somente econômica dos movimentos e transformações urbanas.

Portanto, a cidade, mais do que um território, pode ser considerada como uma comunidade imaginária, com suas relações sociais para além do privado e com seus patrimônios concretos e invisíveis. Ou seja, ao mesmo tempo que tenta manter uma cultura específica, não consegue ficar inerte às transformações multiculturais. Deste modo, há fatores que precisam ser reconhecidos na cidade de Blumenau, onde os processos formadores da cidade e de seu povo ultrapassam uma tradição. Blumenau contemporânea é multicultural, descentralizada em termos de atração, agrega diversas comunidades, tendo como principal representante as novas gerações. E estes se diferenciam com relação ao seu pertencimento étnico, de gênero e de classe social, conseguindo trazer à tona uma nova cultura (diferenciada em relação àquela herdada), a seu modo afirmadora e negadora da estabelecida pela dominação capitalista.

Para Weber (1987), a cidade é um espaço urbano estruturador

da cultura dominante capitalista, é o espaço projetado para funcionar de acordo com as regras da sociedade de consumo. Então, se as pessoas que compõem “oficialmente” a cidade e que querem manter uma tradição (manter a cidade como corredor de serviço e cartão postal), para estas, Blumenau será sempre a “Europa Brasileira”. Contudo, se considerarmos os movimentos diferenciados que se apresentam no espaço público, podemos afirmar que, nesse contexto, constituem possibilidades imanentes de reação ao tradicional e ao consumismo. Imanentes porque nem sempre se constituem via enfrentamento físico ou político direto, mas muitas vezes, sem racionalidade ou planejamento já que não são organizados para si, apenas acontecendo como necessidade de estar fora do privado, de expressão como parte desse contexto urbano.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. -Sobre a Violência. R. J.: Relume-Dumara, 1994.
- ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense-Universitária. 1983.
- BLUMENAU. SECRETARIA MUNICIPAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Programa Educação Social de Rua. Relatório dos atendimentos. Blumenau, 2001.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- CAREZIA, Roberto Marcelo. In. FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Meri (org). Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. - Blumenau : Nova Letra, 2000.
- CERTEAU. M. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, S. (1994), “Esfera Pública, Redescoberta da Sociedade Civil e Movimentos Sociais no Brasil. Uma Abordagem Tentativa”. Novos Estudos CEBRAP, no 38, pp. 38-52.
- HABERMAS. Jurgén. Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa. Publicações. D.Quixote.1990
- HELLER. A E FEHÉR.F. A Condição Política da Pós-modernidade. Civilização. Brasileira, 1998

GASKELL, George (org.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

HELLER, A. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra (2000).

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. Textos em Representações Sociais, 2 ed, Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

LEVI, G. & SCHMIDT, J.C. História dos jovens II. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MACHADO. Ricardo. De Colônia a Cidade: propriedade, mobilidade e ordem pública em Blumenau em fins do século XIX. Dissertação de Mestrado/História/UFSC. (2006).

MAGNANI, J.G.C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. IN: MAGNANI, J.G.C & TORRES, L.L. Na Metrópole: Textos de antropologia urbana. São Paulo; Fapesp, 1996.

TELLES, V. S. . Espaço público e privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. Revista Tempo Social, SÃO PAULO, v. 2, n. 1, p. 23-48, 1990.



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DA JUSTIÇA, EDUCAÇÃO E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

GRUPO ESCOLAR MODELO "PEDRO II"
E
CURSO PRIMÁRIO COMPLEMENTAR

Município e Distrito de Blumenau

RELATÓRIO DO ANO DE 1951



JAIR SILVA
DIRETORA-SUBSTITUTA

A GÊNESE DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PEDRO II

A GÊNESE DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PEDRO II

Jader Rene Cipriani*

1 INTRODUÇÃO

Na conjunção da nascente república brasileira, apregoava-se a necessidade de civilizar a massa de analfabetos, inculcando-lhes valores morais e éticos, contribuindo para que os mesmos alcançassem um grau de “civilidade” semelhante ou ao menos próximo ao de outros países, notadamente, os europeus. Desse modo, é possível percebermos que a escola foi eleita como uma das peças centrais de reordenamento da sociedade brasileira. A escola foi transformada, enquanto instituição disciplinar, em um espaço fundamentalmente privilegiado para normalizar, controlar e disciplinar sujeitos. Conforme nos menciona Lenharo (1986), o projeto educacional varguista tinha como uma de suas finalidades, neutralizar possíveis focos de conflitos sociais que poderiam vir a ocorrer. Entretanto, o sucesso desse projeto estaria pautado sobre o investimento de uma pedagogia detalhada no corpo do sujeito. Corpo este que se desejava ver também militarizado e cada vez mais apto para o trabalho.

Tomando como base essa discussão, desenvolvemos nossa pesquisa, selecionando, como lócus investigativo, a Escola de Educação Básica Pedro II, do município de Blumenau, Santa Catarina. Tal escolha

* Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. O presente estudo faz parte da dissertação intitulada “Escola Normal Pedro II (1940-1950): um estudo sobre a formação de sujeitos”, defendida pelo autor no ano de 2006.

se justificou, entre outras razões, pelo fato de a mesma ser uma das mais antigas instituições de ensino do município de Blumenau, além da sua reconhecida importância e vinculação com a memória escolar da região.

A centenária idade desse educandário acabou nos obrigando a delimitar o período temporal da investigação. Consequentemente, optamos por lançar nosso olhar para as décadas de 1940 e 1950. Este recorte se justificou, entre outras razões, pelo fato de a década de 1940 ter sido ainda contemplada em parte pelo primeiro governo de Getúlio Vargas, somada a significativa influência deste na política educacional do país, juntamente com o seu Ministro da Educação e Cultura, Gustavo Capanema. Coube, inclusive, a este último a tarefa de revigorar a educação brasileira, instituindo toda uma reforma com base numa educação nacionalista exacerbada, sobretudo no governo do Estado Novo (1937-1945).

Este período foi compreendido por um discurso oficial que, declaradamente, negou a neutralidade da educação e apontou para um ensino partidário, reprodutor da ideologia que vigorava naquele momento. Dessa forma, a ordem, a tradição e o patriotismo do povo brasileiro eram idéias e noções, sentimentos e princípios que se difundiram sutilmente nos programas de ensino no país, como se pode constatar na própria educação do Estado de Santa Catarina, já discutido por autores como Moreira (1954), Campos (1998), Fiori (2001), entre outros.

O período temporal da investigação estendeu-se até a década de 1950, conforme já frisado. A data se justifica por entendermos que a mesmo se mostrou de grande relevância e significado para a história da instituição. Apenas para destacarmos algumas razões que nos levaram a selecionar esse último período, a citada década é inaugurada com o cerimonial de formatura do primeiro grupo de alunos do curso ginasial da escola; as comemorações do centenário do município, evento que contou com grande participação do educandário; além da implantação do

curso científico, conquista comemorada pela comunidade escolar após ter enfrentado alguns embates políticos com grupos oposicionistas da cidade.

Elegemos como foco principal da nossa investigação a tarefa de decifrarmos as “relações de poder” que se produziam no interior da escola, sobretudo, entre professores e alunos. Buscamos verificar no educandário a maneira como foram se instituindo mecanismos de poder aparentemente “ocultos” que criavam formas de adaptação entre seus integrantes, que, inseridos naquele contexto, conviviam, de maneira frequente, com formas veladas de autoridade, procurando apresentá-las como elementos necessários de uma convivência que se propunha organizada, democrática e transformadora. Procuramos, também, investigar se no decorrer desse processo de disciplinamento ocorreram alguns indícios que demonstravam possíveis subversões à ordem que foi sendo estabelecida na escola.

Em decorrência dessas questões, passaram a surgir outras perguntas em torno do foco central deste estudo. Afinal, como se educavam os alunos nessa instituição de ensino nas décadas de 1940 e 1950? Quais os mecanismos de disciplinamento utilizados pela direção e, principalmente, pelos docentes para que esse fim fosse alcançado? No período que contempla este estudo, ainda se recorria a punições corporais para que os educandos conseguissem atingir uma disciplina considerada ideal pela escola? Enfim, essas foram algumas perguntas que acabaram nos orientando e, ao mesmo tempo, nos impulsionando em busca de maior compreensão das relações de poder que ocorriam no interior da escola, sobretudo, na estreita relação entre os professores e seus alunos que lá estiveram vinculados entre as décadas de 1940 e 1950.

É deveras importante ressaltarmos que, apesar de a nossa pesquisa compreender a época citada, no decorrer de nossas investigações, vimo-nos forçados a visitar períodos anteriores em busca de informações que nos proporcionassem condições para uma melhor compreensão de algumas

questões que nos foram surgindo. Cabe destacarmos que a estratégia por nós escolhida é também reforçada e justificada por reconhecermos que a escola é uma construção social e, como tal, é produto de uma determinada época. Ao adotarmos a historiografia como um dos nossos referenciais, assumimos que temos como objetivo não só descrever, mas também explicar parte da trajetória desse estabelecimento de ensino que nos propusemos pesquisar. Justificou-se, assim, a necessidade de reconstruirmos o contexto sobre o qual se apoia o nosso objeto de estudo. Aliás, contexto este, formado por uma rede, não só de fatores de ordem política, mas também, econômica, cultural e educacional.

Optamos em apresentar o resultado do nosso estudo em quatro capítulos que serão publicados nesta e nas próximas edições da revista Blumenau em Cadernos. No primeiro número lançamos nosso olhar para um período longínquo, no qual realizamos uma breve incursão sobre a história do município de Blumenau para compreendermos algumas razões que resultaram na emergência da escola investigada nesta localidade, e que foram motivadas, sobretudo, pelo descaso do ensino público na região pelo governo brasileiro e pelos constantes desentendimentos entre católicos e luteranos em Blumenau. Posteriormente, fomos instigados a percorrer as imposições jurídicas do governo estadual que, já no começo do século XX, vinham se abatendo sobre a zona imigrante por meio de sucessivas leis que visavam nacionalizar a população. Entretanto, pudemos perceber que, sobretudo, as escolas particulares se transformaram nos principais alvos para esse tipo de campanha e, em relação ao educandário pesquisado, não seria diferente. A repressiva legislação foi ainda mais reforçada com o advento das duas guerras mundiais, irrompendo, sobremaneira, no governo do Estado Novo, uma campanha nacionalizadora do ensino como jamais se havia visto antes. Procuramos identificar as dificuldades que foram sendo impostas à escola pesquisada tendo em vista a política altamente repressora

de vigilância e controle absoluto do Estado, resultando na transformação desse educandário particular em escola pública estadual.

Desse modo, prezados leitores, esperamos que aproveitem a leitura e conheçam um pouco mais da história educacional da nossa região e, sobretudo, de modo muito especial, da centenária Escola de Educação Básica Pedro II. Então, vamos lá!

2 A NEUE DEUTSCHE SCHULE

Desde a chegada dos primeiros alemães à Colônia Blumenau, havia por parte de seu Diretor, Hermann Blumenau, uma preocupação no que se refere à educação nessa região, principalmente voltada à instrução dos filhos de imigrantes. Para tanto, entendia que se faria necessário implantar escolas públicas na colônia, pois, de maneira geral, das regiões de onde provinham esses imigrantes, a preocupação com a educação do povo era considerada um dever do Estado.

As ações políticas dirigidas à instrução pública da Província de Santa Catarina eram consideradas fracas e inoperantes. Não davam conta de suprir as carências da população, notadamente, no Vale do Itajaí. Em relação aos professores que gradativamente foram chegando a Santa Catarina, em sua grande maioria eram de origem estrangeira.

No que tange propriamente à escola pública na Colônia Blumenau, desde o ano de 1854, já se haviam iniciado as atividades escolares dirigidas pelo professor Ferdinand Ostermann, que coordenou os estudos de um público composto somente de meninos. Por outro lado, respondendo a uma série de pedidos, no ano de 1863, Hermann Blumenau solicitou verbas ao governo provincial para a construção de uma escola que comportaria um público especificamente feminino. Depois de muita

espera, finalmente sua solicitação foi atendida. A colônia passou a ter duas escolas: uma exclusivamente para os meninos e outra para as meninas. Todavia, o funcionamento de apenas dois estabelecimentos escolares foi dando mostras de que seria insuficiente para suportar a demanda estudantil, pois era visível o crescimento demográfico da colônia. Prevendo a difícil situação que se instalaria, por diversas vezes Hermann Blumenau enviou correspondências à capital solicitando ao governo da província que disponibilizasse verbas para expansão do ensino em sua colônia. Entretanto, seus pedidos não foram atendidos. Cansados de esperar por uma ação política concreta, os colonos se mobilizaram e formaram o que foi chamado de “Comunidades Escolares”. Essas comunidades eram compostas por grupos que se organizavam e, por conta própria, construíam casas que serviam provisoriamente como educandários em localidades onde se encontrasse um significativo número de famílias, cuja idade dos filhos permitisse freqüentar a escola elementar e aprender as primeiras letras. Além disso, as próprias “Comunidades Escolares” contratavam seus professores e pagavam seus ordenados. Como as famílias desejavam que seus filhos ao menos aprendessem as primeiras letras e que a instrução deveria suprir as necessidades do pequeno comércio rural, entendiam que um ensino básico ministrado pelos professores contratados já seria considerado suficiente.

Analisando esse contexto, percebemos que houve um crescimento significativo das chamadas “Escolas Comunitárias”¹ nos anos que se seguiram. Se por um lado aumentava o número desses educandários na região de Blumenau, em contrapartida, a educação pública em Santa Catarina continuava numa situação muito aquém das necessidades da população. O quadro educacional da região blumenauense já no final do século XIX e começo do século XX posicionava-se num patamar

¹ Entendam-se “escolas comunitárias” como sinônimo de “escolas particulares”.

destacado se comparado com o restante de Santa Catarina. Utilizando-nos de Emmendoerfer (1950, p. 289-290), no município de Blumenau, em 1907, “dos habitantes maiores de 10 anos sabiam ler e escrever 72,9%”. E acrescenta: “Isto em 1907, quando havia apenas duas escolas públicas em Blumenau (e duas em Gaspar). Nenhum outro município de Santa Catarina jamais apresentou índices tão favoráveis”.

Atendo-nos propriamente ao ensino na Colônia Blumenau, no ano de 1877, o Padre José Maria Jacobs criou o Colégio São Paulo², de cunho confessional católico, que proporcionou uma “profunda influência no desenvolvimento educacional de toda a região” (SILVA, 1988, p. 248). Contando com o amparo financeiro do Governo Imperial e mais com o valor das mensalidades dos alunos, a escola dava mostras de um ensino solidamente mais completo se comparado com a instrução das chamadas “Escolas Comunitárias”. Ao mesmo tempo, Hermann Blumenau continuava insistindo com suas correspondências ao presidente da província, solicitando que o mesmo enviasse verbas para abertura de novas escolas públicas. Contudo, já que o poder público não fazia sua parte, a população local procurava sanar suas dificuldades educacionais construindo novas escolas particulares em diversos pontos da cidade. No final do século XIX, já se podia comprovar a existência de mais de 100 escolas espalhadas pela região (SILVA, 1988, p. 251).

Apesar de toda boa repercussão de que o Colégio São Paulo gozava perante a comunidade e seus serviços prestados à educação local, eram “freqüentes os incidentes por motivos de crença entre alunos e pais com o vigário e diretor” (SILVA, 1988, p. 249). Nesse período a Colônia contava com uma população em sua grande maioria composta por luteranos³. Desavenças, atritos, concorrência entre quem ministraria

² Hoje esta instituição é chamada de Colégio Bom-Jesus/Santo Antônio.

³ Em 1869, cerca de 83% da população era composta por luteranos (WILLEMS, 1980 Apud LUNA, 2000, p. 117).

aulas particulares às famílias, também ocorriam pelo lado dos luteranos. As diferenças religiosas e seus respectivos conflitos começaram a trazer prejuízos ao desenvolvimento da educação local, comprometendo inclusive sua melhor qualidade. Para superar a desconfortável situação que se criou, cerca de cinquenta moradores da Colônia Blumenau, entre luteranos e católicos, resolveram organizar uma reunião na Sociedade de Atiradores e elegeram um grupo de pessoas que, a partir daquele instante, passariam a representar uma “Sociedade Escolar”. Essa sociedade se incumbiu de fundar uma escola e a proposta dos participantes é de que esta deveria possuir uma perspectiva de educação diferente das demais que se encontravam em funcionamento na Colônia. Além disso, um dos pontos que mais foram destacados na fundação dessa sociedade é que a escola que viria a ser criada satisfizesse, sobretudo, aos anseios educacionais tanto das famílias luteranas, como das famílias católicas do local. Assim, a Sociedade Escolar passaria a se encarregar da contratação dos professores, pagamentos de seus salários, organização das festividades escolares, entre outras tarefas. Ficou estabelecido na reunião que caberia aos sócios eleger “em Assembléia Geral, uma diretoria, pelo prazo de três anos, e que esta prestaria contas à Sociedade Escolar de todos os seus atos” (KORMANN, 1994, p. 134). Pessoas de reconhecido prestígio e credibilidade na cidade foram designados pelo grupo para elaborar os estatutos da nova escola. Uma vez acordadas todas as questões propostas, chegava a hora de se dar um nome a esse novo estabelecimento educacional. Após diversas sugestões, finalmente entraram em um consenso. O educandário passaria a ser chamado de “Neue Deutsche Schule” (Escola Nova Alemã). Estabelecidas todas as normas de funcionamento, seus trabalhos foram iniciados em 1º de maio de 1889.

Apesar de todas as dificuldades financeiras inicialmente apresentadas, além da falta de professores na região, o estabelecimento

foi se mantendo. No decorrer dos anos, a “Escola Nova Alemã” passou a receber verbas do governo da Alemanha que tinha interesse em preservar a germanidade na região, bem como do governo do Estado de Santa Catarina que, em troca, exigia do estabelecimento escolar o oferecimento do ensino da Língua Portuguesa, além da promoção de 53% do ensino gratuito aos seus educandos (LUNA, 2000, p. 118). Porém, mesmo com essa ajuda financeira, o capital ainda não era suficiente para manter o estabelecimento. Fazia-se necessário criar outros mecanismos para angariar fundos.

Uma alternativa encontrada era a de cobrar mensalidades de parte do seu alunado; e a outra, foi criar um evento anual denominado de “festa escolar” ou também, como era chamada, “festa das crianças”. Nessa atividade, além da integração entre a escola e as famílias, os pequeninos apresentavam números de canto, declamações de poesias, participavam de jogos, brincadeiras, entre outros. Como a festa era aberta também à comunidade em geral e, normalmente, recebida com grande expectativa, transformava-se no principal meio para se conseguir angariar fundos para a instituição. No decorrer dos anos, mesmo com todas as dificuldades com que a Sociedade Escolar se deparou, a “Escola Nova Alemã” passou a gozar de uma condição econômica muito mais estável, se comparada aos demais educandários da época que se encontravam em funcionamento nesta região.

Com o passar do tempo, a velha casa, cedida pelo próprio Hermann Blumenau para ser a sede da escola, não suportava mais o crescente número de alunos que a procuravam. No ano de 1891, mesmo se encontrando já na Alemanha, mais uma vez, Hermann Blumenau ofereceu um terreno de sua propriedade particular para que lá fosse construído um novo prédio, mais adequado para a prática educacional, pelo menos para a demanda do alunado naquele instante. Fez, porém, uma solicitação aos dirigentes da Sociedade Escolar de que a escola não poderia ser de natureza

confessional. E em tom de advertência afirmou que se isso viesse a ocorrer, a escola passaria a pertencer à Câmara Municipal (cf. EMMENDOERFER, 1950, p. 287).

O número de alunos matriculados na escola foi aumentando cada vez mais, dando mostras à Sociedade Escolar de que seu projeto estava no rumo certo. Emmendoerfer (1950, p. 287) afirma que em 1º de abril de 1899, ou seja, passados quase dez anos da sua fundação, freqüentavam a escola cerca de 124 alunos. Em 1910, encontravam-se matriculados 186 alunos. Já em 1912, o número já havia ultrapassado a casa dos 200, obrigando muitas vezes os docentes a solicitar aos moradores das redondezas do educandário o aluguel de alguma residência para que os mesmos pudessem ministrar suas aulas.

Ernesto Emmendoerfer aponta que as inúmeras visitas de autoridades que chegavam a Blumenau ficavam impressionadas com o desenvolvimento vertiginoso que vinha ocorrendo, principalmente, no que tange à expansão das escolas (sobretudo, as particulares) para todas as regiões do município (EMMENDOERFER, 1950, p. 290). Todavia, o início do século XX preparava significativas transformações para a população blumenauense. Novos tempos estavam por vir.



Neue Deutsche Schule - Este prédio foi construído entre os anos de 1891 e 1893.

Fonte: Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau.

2.1 A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918): UM ENTRAVE NA EDUCAÇÃO BLUMENAUENSE

Ao levantar dados quanto ao ensino oferecido no Estado de Santa Catarina no início do século XX, Luna (2000, p. 20) verificou, em relatórios oficiais do ano de 1916, que cerca de 40% das escolas implantadas ofereciam ensino privado. Porém, alerta que esse número poderia ser bem maior, haja vista que só em Blumenau, nesse mesmo período, existiam 113 instituições privadas, sendo que, destas, 80% eram administradas por famílias de origem alemã e que o ensino oferecido, nestas escolas, era em idioma alemão. O restante das escolas particulares existentes na região dividiam-se entre italianas e, outras poucas, polonesas.

A Primeira Guerra Mundial refletia-se nas discussões políticas e gerava desconforto na população imigrante e em seus descendentes. Tanto por parte do governo federal, como do estadual, foi usada, como bandeira de luta contra as possíveis formas de se “expandir” uma mentalidade europeia (principalmente, germânica), uma política que fortalecesse o ensino público na região. Em outras palavras, a escola pública foi definitivamente escolhida como agente da primeira Campanha de Nacionalização do Ensino, levada a efeito nas áreas de colonização estrangeira.

Antes mesmo de começar a Primeira Guerra Mundial, o governo catarinense, sob ordem de Vidal Ramos, no ano de 1911, já iniciou uma Campanha de Nacionalização do Ensino. Três anos depois, a eclosão da guerra contribuiu ainda mais para intensificar esse projeto nacionalizador. Para dar início à campanha, Vidal Ramos solicitou ao governo de São Paulo a disposição do professor Orestes de Oliveira Guimarães para exercer o cargo de Inspetor Geral da Instrução. Essa escolha se deveu, entre outros motivos, ao fato de o mesmo ter colaborado para que a educação da cidade de São Paulo atingisse patamares dignos de referência nacional. No caso de Santa Catarina, a grande tarefa de Orestes Guimarães seria reduzir ao máximo o índice de analfabetismo do Estado, criar um programa assimilacionista que resultasse em uma homogeneização cultural e lingüística das minorias étnicas que aqui viviam, além de introduzir um novo sistema educacional no Estado.

Logo após sua chegada, o professor criou o “Regulamento Geral da Instrução Pública” e o “Regimento Interno dos Grupos Escolares”. Tratava-se de normas, regras e modelos que deveriam ser seguidos rigorosamente pelos docentes, nas suas tarefas cotidianas da vida escolar, tais como: escrituração de livros, formas de punição de alunos, organização e orientação de recreios, entrada e saída de classe, início e fim das aulas, entre outros. Os programas foram elaborados com a rigidez necessária

para se alcançar uma uniformidade da instrução em toda Santa Catarina, não sendo permitida qualquer mudança em seu conteúdo ou mesmo no calendário. Para tanto, a fiscalização passou a ser constante tanto sobre o corpo docente quanto sobre o discente das escolas. Dentro dessa sua tarefa normativa e fiscalizadora, era praxe de Orestes Guimarães visitar as escolas da capital e do interior do Estado para ministrar aulas, corrigir professores e ensinar-lhes como deveriam proceder no cotidiano escolar. Acreditava que se todos seguissem um programa educacional normativo e padronizado seria mais fácil realizar um processo de “assimilação” dos emigrantes.

Mas uma das maiores dificuldades enfrentadas por Orestes Guimarães foi a falta de professores que conhecessem as duas línguas: a do imigrante e, evidentemente, a competência lingüística para o ensino do português. Guimarães entendia ser fundamental o professor dominar a língua imigrante para conseguir, primeiramente, comunicar-se com os estrangeiros e se adaptar ao meio social no qual viria a trabalhar, pois, uma vez que o docente conseguisse se ambientar ao meio e criasse laços de confiança com a comunidade, a língua portuguesa seria mais rapidamente assimilada pelos mesmos. Contudo, os baixos ordenados oferecidos pelo governo e a pouca disposição da maioria dos professores em permanecer nos distantes núcleos do interior do Estado, resultaram em enormes dificuldades na tarefa de nacionalizar os imigrantes.

Com o ingresso do Brasil na Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice Entente⁴, em 1917, uma série de medidas legislativas foram tomadas, vindo a atingir diretamente a educação na zona de imigração, principalmente, a alemã. No dia 05 de outubro de 1917, foi decretada a Lei Estadual nº 1.187, que obrigou as escolas particulares estrangeiras

⁴ Tríplice Entente: encabeçada por França, Inglaterra, Rússia, Estados Unidos, entre outros. Estes tinham como adversários países vinculados à chamada *Tríplice Aliança*, sendo que desta, a maior potência era a Alemanha.

a promover o “ensino preliminar a crianças de 6 a 15 anos e a inclusão das disciplinas Linguagem, História e Geografia do Brasil, Cantos e Hinos Patrióticos, todas em língua portuguesa” (LUNA, 2000, p. 43). Além disso, num decreto que se seguiu, houve o fechamento de inúmeras escolas particulares por motivos considerados de “justa causa”⁵ por parte do governo catarinense, exigindo que nestes educandários só fossem utilizados livros de autores brasileiros (SANTA CATARINA, 1917b). E mais: se professores pretendessem continuar exercendo suas funções deveriam se sujeitar a exames para verificar se estavam aptos a exercer sua docência. Com tudo isso que vinha acontecendo, Silva (1988, p. 255) nos afirma que a Campanha de Nacionalização do Ensino, coordenada por Orestes Guimarães, parecia estar alcançando gradativamente seus objetivos:

Os resultados dessa medida não se fizeram esperar. As escolas, uma após outras, foram sendo reabertas e os respectivos professores, adaptados ao novo estado de coisas, foram não apenas aperfeiçoando o estudo do vernáculo, mas dedicando maior zelo e empenho no ensino.

Outros decretos foram sendo criados com ênfase ao ensino no idioma português. Essas medidas foram levadas à risca por parte do governo, resultando no fechamento de inúmeras escolas que supostamente violaram as leis⁶. Os estabelecimentos de ensino que quisessem manter seu funcionamento eram obrigados a fazer as devidas adequações às regras impostas pelo órgão fiscalizador. Dessa maneira, o número de escolas particulares que foram cumprindo as exigências impostas pelo governo

⁵ Segundo Emmendoerfer (1950, p. 292), foram fechadas 113 escolas particulares, para uma verificação, por parte do governo. Essa averiguação era realizada pelo Inspetor Geral de Ensino para comprovar se, de fato, o professor falava corretamente a língua portuguesa. Essa medida também se estendeu às escolas confessionais.

⁶ Estamos nos referindo, por exemplo, à Lei nº 1.283 de 15 de setembro de 1919 (SANTA CATARINA, 1919), e o Decreto nº 1.322 de 29 de janeiro de 1920 (SANTA CATARINA, 1920).

voltaram lentamente a oferecer seus serviços educacionais. Emmendoerfer (1950, p. 293) nos aponta que, em 1918, Blumenau apresentava 30 escolas particulares com 1300 alunos matriculados. Dois anos depois, já estavam em funcionamento 40 instituições privadas, encontrando-se matriculados, nestas, cerca de 3500 alunos. No ano de 1922, 32 escolas paroquiais ofereciam seus serviços educacionais, com um total de 1416 alunos e 77 escolas pertencentes a sociedades escolares com 3141 alunos matriculados. Já no ano de 1925, o município atingiu o expressivo número de 109 estabelecimentos de ensino.

Percebemos que ocorreu gradativamente um ajustamento das escolas às prescrições das leis federais e estaduais quanto ao ensino. Mesmo com toda a vigilância empregada, bem como as coações e sanções que ocorreram na zona imigrante, continuaram existindo focos de resistência. Após o término da Primeira Guerra Mundial, muitas escolas voltaram a oferecer seus serviços, clandestinamente, no idioma alemão, mesmo sabendo do risco que estavam correndo. Nos anos que se seguiram, especialmente em meados da década de 1920 para o início da década de 1930 é que a situação se tornou aparentemente mais tranqüila no que dizia respeito ao funcionamento dos estabelecimentos de ensino e ao exercício da profissão docente. É verdade que continuava existindo um órgão responsável pela fiscalização da educação. A pressão de outrora, vigilante e agressiva, imposta pelo então governador Vidal Ramos, havia se minimizado significativamente, se comparada àquela época.

Os problemas enfrentados com a Campanha Nacionalizadora, somados à eclosão da Primeira Guerra Mundial, fizeram com que a Neue Deutsche Schule permanecesse fechada de 30 de novembro de 1917 a 18 de fevereiro de 1920. Passado esse período conturbado, parece que o estabelecimento voltou ainda mais fortalecido. Constatamos isto com a surpreendente procura de matrículas para as crianças da comunidade,

porém, essa busca por vagas fez com que, em pouco tempo, o espaço físico do educandário fosse ficando cada vez mais acanhado, não havendo mais lugar suficiente para atender todos os alunos. Em decorrência dessa situação, a Sociedade Escolar se viu obrigada a adquirir uma nova área, muito mais espaçosa e melhor localizada na cidade para facilitar o acesso tanto dos alunos como dos seus respectivos professores. No ano de 1915, foi adquirido um terreno no Bairro Bom Retiro, em uma região central, no alto de um morro, onde puderam dar início à construção de uma nova escola. Uma vez concluídas suas instalações, chegava a hora de sua inauguração, que finalmente ocorreu no ano de 1924⁷.

Com o passar dos anos, a área da escola foi sendo expandida, com a compra de terrenos anexos e outros que foram sendo adquiridos por doações. Além disso, como era praxe desde o início da fundação da escola, continuou ocorrendo uma significativa participação da comunidade nas atividades desenvolvidas pelo estabelecimento de ensino, sendo elas de ordem esportiva, recreativa ou cultural, bem como nas promoções que objetivavam, principalmente, angariar fundos para manter a onerosa instituição.

⁷ O atual educandário continua localizado nessa área, fazendo uso do mesmo prédio. Porém, a estrutura física da instituição está bastante ampliada, ocupando diversos terrenos ao lado do prédio.



Prédio principal da escola inaugurado em 1924.

Fonte: Escola Normal Pedro II. **Relatório:** apresentado pelo Inspetor Arão Rebelo para a classificação do Ginásio da Escola Normal Pedro II de Blumenau. Blumenau, 1947. Acervo da E.E.B. Pedro II.

2.2 A DÉCADA DE 1930 EM SANTA CATARINA: PERÍODO TURBULENTO, TEMPOS INCERTOS

O período que antecedeu o golpe varguista foi marcado por acirradas disputadas político-partidárias entre as duas mais fortes oligarquias estaduais catarinenses daquele momento: a família teuto-brasileira Konder, da região do Vale do Itajaí e a família Ramos, do planalto catarinense (BARRETO, 1997). Com a chegada ao poder de Getúlio Vargas, a família Ramos, que até então o apoiava no período pré-“revolucionário”, acabou conseguindo mais poder e visibilidade, passando a exercer o seu domínio ainda mais forte sobre a política catarinense.

Após a revolução paulista, Getúlio Vargas se viu obrigado a abrir as portas da vida partidária no país. Esse fato aumentou ainda mais

o acirramento político em Santa Catarina. Surgiu no Estado uma série de partidos e outros trataram de se reestruturar internamente, procurando assim se fortalecer. Entre aqueles de maior relevância poderíamos destacar, como exemplo, o Partido Republicano, liderado pelos Boiteux, Fúlvio Aducci, Adolfo Konder, Henrique Fontes, Carlos Corrêa e Antônio Mâncio da Costa. O principal adversário era o Partido Liberal, comandado por Nereu Ramos, Aristiliano Ramos, Gustavo Neves, Ivo D'Aquino, Renato Barbosa, Antonieta de Barros e Barreiros Filho.

Em princípio o Partido Liberal estava se dirigindo a uma reorganização partidária, liderada por Aristiliano Ramos que, por sua vez, foi nomeado Interventor Federal de Santa Catarina, em 19 de abril de 1933. Do mesmo modo que os Liberais, o Partido Republicano não perdeu tempo e também tratou de se reorganizar. Para isso passaram a realizar uma série de convenções nos principais municípios do Estado, liderados por Adolfo Konder.

Conforme se aproximava o pleito nacional, em terras catarinenses, também, eram realizadas eleições para a representação federal com a finalidade de dar ao país uma nova Constituição. Após acirrada disputa política, com críticas e acusações de ambos os lados, elegeram-se Nereu Ramos, Carlos Gomes de Oliveira e Arão Rebelo pelo Partido Liberal, enquanto que o Partido Republicano e a Legião Republicana resolveram formar uma coligação denominada “Por Santa Catarina” que, desse modo, conseguiu eleger Adolfo Konder para ocupar assento na Assembleia Nacional. Entretanto, com a realização das eleições para preenchimento de cargos constituintes, em Blumenau e região - reduto eleitoral da família Konder – somados a algumas críticas severas aos dirigentes do Partido Liberal, emitidas por parte de alguns órgãos da imprensa, entre eles o jornal Cidade de Blumenau (amplamente favorável ao Partido Republicano), levantaram-se suspeitas de que a região poderia vir a sofrer represálias por

parte do governo de Aristiliano Ramos. A situação se tornaria ainda mais tensa devido ao desagrado dos liberais em relação ao resultado do pleito nessa região do Estado. Parece que a suspeita de represália por parte do governo não tardaria para se confirmar, pois, no dia 03 de janeiro de 1934 foi publicado um artigo no jornal Cidade de Blumenau que acabou trazendo apreensão ao povo blumenauense. Tratava-se de uma suposta divisão de terras que poderia vir a ocorrer no município. A apreensão se justificava, pois, em 1930, Blumenau havia perdido uma expressiva extensão territorial que resultou na criação do município de Rio do Sul (SALES, 1954, p. 19). O jornal “Cidade de Blumenau” não deixou de mencionar as últimas notícias referentes à divisão que se anunciava e convocava os demais órgãos de imprensa do Estado a protestarem contra essa atitude de represália ditatorial do governo, dando início, inclusive, a uma campanha que passou a se chamar “Por Blumenau Unido”.

O grande objetivo de Aristiliano Ramos com essa ação era fragmentar o município blumenauense, criando, a partir deste, novas cidades. Esse projeto de “esfacelamento territorial” implicava variadas formas de intervenção na esfera pública, no sentido de controlá-la e de enfraquecer os poderes regionais, bem como criar novas lideranças políticas que se subjugassem aos seus respectivos domínios. O comportamento político da interventoria estadual provocou no município blumenauense grande indignação e revolta popular que, em certos momentos, foi difícil de ser controlada. Segundo Silva (1988, p. 167), “o povo saiu às ruas, em passeatas de protestos, portando cartazes alusivos; oradores se faziam ouvir, exaltados. [...] Houve preparativos para ação armada. Controlaram-se os estoques de combustíveis e de mantimentos; puseram-se guardas nas entradas da cidade”. O prefeito naquela ocasião, Jacob Schmidt, nada podia fazer e simplesmente desapareceu da cidade. Em seu lugar, foi empossado pela interventoria, o Capitão da Força Estadual, Antônio Martins dos

Santos. O militar governaria até 28 de agosto de 1934, quando assumiu o prefeito interino, João Gomes da Nóbrega. Acalmados os ânimos no município e região, o saldo obtido foi de que a “cidade mais populosa do estado em 1920 teve sua população diminuída em 36%, conforme o censo de 1940” (FROTSCHER, 1998, p. 31). Apesar do apoio de outros jornais, bem como de autoridades que se solidarizaram contra essa queda de braço entre o município e o governo estadual, venceu o último. Por meio de uma série de decretos, o Interventor Federal iniciou uma repartição do município blumenauense.

Todavia, mais dificuldades para a população estavam por vir. Pesquisando o jornal “Cidade de Blumenau”, verificamos que já se reconhecia, no ano de 1934, a possibilidade de vir a ocorrer uma nova guerra mundial, pois era evidente a maneira como as relações políticas entre as nações mais poderosas da Europa estavam fragilizadas.

Com a ascensão política dos regimes nazi-fascistas europeus, ressentimentos que, porventura, permaneceram relativos à guerra que aconteceu entre 1914-1918, poderiam motivar um novo conflito entre as nações. Enquanto isso, no município de Blumenau e região, era notório um certo clima de histeria e surpresa com as notícias européias dando conta da situação política e econômica em que se encontravam, sobretudo, a Itália e a Alemanha, berço de grande parte da população ou de seus antepassados.

Constatamos, no jornal “Cidade de Blumenau”, várias edições que trazem uma série de reportagens sobre a Alemanha, principalmente, após a ascensão de Adolf Hitler ao cargo de chanceler, dando ênfase ao crescimento econômico, à queda acentuada de desemprego, aos benefícios concedidos aos trabalhadores, às pesquisas científicas, aos destaques esportivos, entre outros.



O movimento “Por Blumenau Unido” levou muitos blumenauenses às ruas para protestar contra os desmembramentos do município. **Fonte:** Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau.

E também não era diferente em relação à Itália que, com seu significativo crescimento econômico, conquistado sob a liderança política de Benito Mussolini, merecia destacado espaço nas páginas do mesmo jornal.

É importante frisarmos que o rádio surgiu, nesse momento, como um instrumento de comunicação poderoso, capaz de alcançar um “clima e teor simbólico” entre emissores e ouvintes como jamais se havia visto antes. Segundo nos afirma Alcir Lenharo, “o importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes [...]” (LENHARO, 1986, p. 40-41). Esse veículo de comunicação foi utilizado pelo governo nazista para cativar alemães e seus descendentes no exterior, fazendo com que muitos passassem a difundir a ideologia do citado regime ditatorial. Destacamos uma ocasião em que o próprio Adolf Hitler chegou a felicitar, “por rádio, o casal Otto Pfeutzenrer,

de Joinville, por suas bodas de diamante” (FALCÃO, 2000, p. 134). Utilizando-se da mesma estratégia, a própria “Emissora Alemã de Ondas Curtas”, situada na cidade de Berlim, “costumava enviar permanentemente para o Brasil, por escrito, a sua programação, acompanhada de saudações pelas datas comemorativas, como os aniversários dos ouvintes, e de recortes de jornais, livros ou material de propaganda nazista, como os discursos do Führer” (PY, 1942, Apud CAMPOS, 1998, p. 262). Essa maneira de procurar conglomerar uma gama cada vez maior de simpatizantes em nosso Estado não se limitou somente ao rádio, jornal e/ou revista. O dispêndio de esforços era muito maior, considerando os investimentos financeiro e simbólico realizados por seus governos para alcançar tal objetivo. Citamos, ainda, as visitas do dirigível Graf Zeppelin, bem como a chegada do cruzador Karlsruhe aos portos de São Francisco e Itajaí, sendo recepcionada sua tripulação, posteriormente, em Blumenau e em outros municípios da região. Já no dia 1º de dezembro de 1936, Blumenau e cidades vizinhas tiveram a oportunidade de receber a visita de um outro dirigível, o Hindenburg, que realizou evoluções sobre a região, levando a população ao delírio.



Passagem do “Graf Zeppelin” em Blumenau – 01/07/1934, criado pelo Conde Von Zeppelin, com o intuito de divulgar a ideologia nazista e a capacidade tecnológica da Alemanha. **Fonte:** Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau.

Existiam, porém, outras maneiras de se difundir no imaginário popular aquilo que ocorria no outro lado do Atlântico. O Diretor da “Neue Deutsche Schule”, Dr. Ludwig Sroka, por exemplo, tinha o hábito de conduzir os alunos para assistirem, no Teatro Frohsinn, a alguns “slides” e filmes sobre a Alemanha. Seguem alguns filmes que eram apresentados na época: “Com o Graf Zeppelin no Ártico”; “O Bremen, rainha dos mares”; “O Reno Alemão”; “Hindenburg nas manobras de outono de 1930”; “Com

Graf Zeppelin no Aretis”; “A classe atlética europeia”, “O dia do reino – Nuerenberg – 1933”, entre outros. (KORMANN, 1994, p. 146). Digase de passagem que o Diretor do educandário era chefe da Organização Nacional Socialista dos Professores das Escolas Alemãs de Santa Catarina desde o ano de 1934.

Esse nacionalismo exacerbado pelos países europeus, sobretudo, pela Itália e a Alemanha, foi usado como um forte argumento pelo governo estadual para reiniciar uma campanha nacionalizadora. Apesar de não mais contar com Orestes Guimarães à frente da nova Campanha de Nacionalização, o sistema escolar catarinense mais uma vez passou a ser dirigido por decretos que, no tocante às instituições privadas, afirmava que as disciplinas escolares deveriam seguir rigidamente o programa das escolas públicas do Estado. Iniciava-se, assim, novamente um projeto homogeneizador. Mais uma vez, o pluralismo cultural catarinense era visto como ameaçador e indesejável. Apesar de o município de Blumenau ter atingido, em 1937, o expressivo número de 41 unidades escolares particulares, com 2.956 alunos, o governo não poupou esforços para controlar ao máximo possível estes estabelecimentos (EMMENDOERFER, 1950, p. 293). Sanções contra educadores, exonerações e aposentadorias compulsórias foram estratégias utilizadas pelo governo contra aqueles que representavam uma ameaça ou que fossem simpatizantes de uma “pedagogia de desordem”. Desse modo, o estado encontrava uma maneira de manter sua autoridade e diluir seu comando infiltrando-se nas escolas de todo o Estado. No dia 1º de maio de 1935, Nereu Ramos (primo de ex-Interventor Federal Aristiliano Ramos) assumiu as rédeas políticas do Estado de Santa Catarina, após ser eleito pela Assembleia Legislativa. Agora, com Nereu Ramos, a zona de imigração sentiria, de fato, a “força nacionalizadora”.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Cristiane Manique. **Entre Laços e Nós**: Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930). 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

BLUMENAU. Estatutos da Sociedade Escolar Pedro II. **Cidade de Blumenau**. Blumenau, 08 nov. 1938. Ano XV, n. 18, p. 03.

_____. **Decreto-lei n. 68**, de 18 de agosto de 1942. Blumenau, 1942.

BRASIL. **Decreto-lei n. 1.006**, de 30 de dezembro de 1938. Rio de Janeiro, 1938.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na Era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. 1998, Tese (Doutorado em História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Agosto de 1998.

_____. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

EMMENDOERFER, Ernesto. O ensino particular em Blumenau. **Centenário de Blumenau**: 2 de setembro – 1950. Blumenau: [s.n.], 1950.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí. UNIVALI, 2000.

FIORI, Neide Almeida. Corporação militar e rumos da educação brasileira: o exército e a escola nos tempos do Estado Novo. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Fundação de Cultura. Tomo XLII, n. 07/08, p. 37-65, Jul./Ago. 2001.

FROTSCHER, Méri. A visita de Getúlio Vargas a Blumenau em 1940 e seus significados. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Fundação de Cultura. Tomo XXXIX, n. 11/12, p. 27- 45, Nov./Dez. 1998.

GAERTNER, Rosinète. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. Rio Claro. 2004. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista.

KORMANN, Edith. **Blumenau**: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Vol. 2, Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas. Papirus, 1986.

LIMA, Ana Laura Godinho. **De como ensinar o aluno a obedecer**: um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965. 1999. Dissertação (Mestrado em

Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

LUNA, José Marcelo Freitas de. **O português na escola alemã de Blumenau**: da formação à extinção de uma prática. Itajaí: UNIVALI; Blumenau: FURB, 2000.

MOREIRA, João Roberto. **A educação em Santa Catarina**: sinopse apreciativa sobre a administração, as origens e a difusão de um sistema estadual de educação. [s/l.]: MEC/ INEP, 1954.

SALES, Joaquim de. **Guia de Blumenau**. Prefeitura Municipal de Blumenau, Blumenau, 1954.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 614**, de 12 de setembro de 1911. Florianópolis, 1911.

_____. **Lei n. 1.187**, de 05 de outubro de 1917. Florianópolis, 1917a.

_____. **Decreto n. 1.063**, de 08 de novembro de 1917. Florianópolis, 1917b.

_____. **Lei n. 1.283**, de 15 de setembro de 1919. Florianópolis, 1919.

_____. **Decreto n. 1.322**, de 29 de janeiro de 1920. Florianópolis, 1920.

_____. **Decreto-lei n. 35**, de 13 de janeiro de 1938. Florianópolis, 1938a.

_____. **Decreto-lei n. 88**, de 31 de março de 1938. Florianópolis, 1938b.

_____. **Decreto-lei n. 244**, de 08 de dezembro de 1938. Florianópolis, 1938c.

_____. **Decreto-lei n. 301**, de 24 de fevereiro de 1939. Florianópolis, 1939.

_____. **Decreto-lei n. 668**, de 06 de agosto de 1942. Florianópolis, 1942a.

_____. **Decreto n. 2.747**, de 12 de agosto de 1942. Florianópolis, 1942b.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1988.



RECORDAÇÃO AGRADÁVEL

RECORDAÇÃO AGRADÁVEL

José Gonçalves*

Há dias passados, chegou a minhas mãos, devidamente autografado pelo autor, o livro de Fernando Becker Silva, um dos mais queridos amigos que possuo há muitos anos. É um jovem professor, possuidor de uma capacidade admirável de redação e que acaba de encontrar nos velhos arquivos de seus familiares e no Arquivo Histórico a inspiração para produzir um livro destinado a satisfazer todos os leitores que tiveram oportunidade dessa bela leitura.

O interesse é que, ao longo da leitura em que me dediquei folheando com prazer as páginas do livro de Fernando, que ele denominou de O SEGREDO DE MEU AVÔ, fui surpreendido por diversos detalhes da história. É relativa ao surgimento do Integralismo em nosso país, com reflexos também em Blumenau, assim como o surgimento naquela época de 1930-1940, dos grupos de partidários do regime que surgia na Alemanha, liderado por Adolf Hitler, ou seja, o Partido Nacional Socialista, ou mais popularmente, Partido Nazista.

É que, naqueles tempos em que eu contava com idade de quinze anos, ocupava meu primeiro emprego como servente na firma da Empresa Gráfica Nietzche e Hoempck, que se localizava à margem da rua Alwim Schrader. E nas minhas atividades de servente, ao longo dos primeiros três meses de trabalho, além de manter os locais aonde se trabalhava com serviços gráficos plenamente limpos, tinha a tarefa de, quase todas as semanas, fazer uma viagem pela Rua Quinze de Novembro, desde a fábrica até as proximidades da estação da Estrada de Ferro de Santa Catarina, localizada

* Escritor e jornalista - (falecido em outubro de 2010).

no alto da Rua Quinze, fazendo entrega de impressos encomendados por diversas firmas comerciais. Para isso, lotava uma carrocinha com quatro rodas e um cambão pelo qual eu puxava a carrocinha e fazia ao longo da Rua Quinze a distribuição das encomendas. Com isso, passei a conhecer bem a Rua Quinze daquela época.

Mas não vou me reportar a mais fatos que já registrei no meu livro MEMÓRIAS DO MEU VIVER.

O que quero me reportar aqui é sobre um acontecimento que estive muito ligado À Ação Integralista Brasileira, quando da visita a Blumenau, em meados de 1935, de Plínio Salgado, que era o Presidente e fundador do referido Partido, cujos adeptos se destacavam pelo uso de camisa verde com um símbolo fixo na manga do braço esquerdo. E que para saudação, levantavam o braço direito e pronunciavam a palavra “Anauê”, uma saudação indígena que significava mais ou menos “somos amigos”.

Muito bem. Ao ser anunciada a próxima visita de Plínio Salgado a Blumenau, milhares de adeptos do Partido prepararam-se com suas camisas verdes para o grande acontecimento. Sabia-se, na época, que a juventude nazista já possuía até sede em Blumenau e que um de seus mais entusiastas adeptos era um dos filhos do Sr. Nietzsche, meu patrão. O jovem se chamava Gerhard e por sinal se tornara para mim um excelente amigo, pois Gerhard, apesar de ser grandemente fanático pela doutrina nazista, sabia corresponder com muita bondade aos que com ele dialogavam e lhe davam atenção e estima. Era o que eu fazia, pois ele sempre me havia tratado com muito respeito e boa atenção, no que eu também correspondia e assim, éramos bons amigos. Mas, Gerhard, apesar de mostrar-me muitos objetos ligados ao nazismo e alguns livros que mostravam como atuava o sistema social alemão, nunca me forçou a aceitar pertencer à juventude à que ele pertencia. Gerhard possuía duas irmãs e mais dois irmãos. Eram eles Alfredo,

que na época servia ao exercito, integrado no 23º BC de Blumenau, e Willy, mais jovem, que ainda não estava em tempo de servir ao exercito. Nenhum dos dois eram adeptos do nazismo.

Pois bem, os membros da Juventude Nazista também compareceram à grande recepção de Plínio Salgado, como eu mesmo constatei, pois lá estava eu naquele domingo cheio de curiosidade para conhecer mais de perto o Presidente do Partido Integralista, já que diversos amigos e parentes meus eram integralistas.

UMA GRANDE SURPRESA E O RECUO DA HISTÓRIA.

A grande concentração, naquele domingo, estava acontecendo no estádio pertencente à Sociedade Desportiva Blumenauense, que, mais tarde transformou-se no Grêmio Esporte Olímpico. A sua sede, na época, se achava no final da Rua Pandiá Calógeras, bem em frente ao prédio no qual se achava a fábrica Mafisa.

Milhares de pessoas lotavam completamente o estádio de futebol e, na frente do prédio da sede do clube e que também era sede do salão de ginástica, foi armado um palanque, o qual deveria ser ocupado pelos visitantes e pelas autoridades locais, lideradas pelo Prefeito Alberto Stein que também era integralista.

Ao se aproximar a caravana visitante, ouviu-se o espocar de foguetes que eram lançados ao longo de todo o trajeto da caravana, desde a entrada nos limites da cidade.

Chegaram, finalmente, e os foguetes e as palmas se confundiam. Isto só silenciou depois que todos subiram ao palanque. E os visitantes então eram cumprimentados pelas autoridades locais, enquanto que o povo não cansava de aplaudir os ocupantes do palanque.

Finalmente, o alto falante anunciou palavra do Prefeito Alberto Stein que daria as boas vindas ao visitante e sua comitiva. O prefeito blumenauense se saiu bem, produzindo um discurso bem entusiasta com voz clara e bem cadenciada. E foi nessa ocasião que eu tive a minha grande surpresa, ao ouvir quando o Prefeito, saudando os presentes membros da caravana, citou com destaque o nome do General José Vieira de Rosa. Isso me deixou surpreso ao concluir que se tratava do antigo Tenente Rosinha, ex-chefe do serviço de proteção aos índios Botocudos do Plate, integrante da comissão que se dedicava ao apaziguamento e na organização das famílias indígenas residentes na floresta, para que viesse ocupar residências que vinham sendo construídas naquela região, aonde foi se formando a colônia dos Índios. Meu pai, Luiz Alípio Gonçalves, também ali atuava. Era ele um dos mais destacados membros da comissão que atendia ao comando do Tenente Rosinha. Tanto assim que Rosinha tornou-se muito amigo de meu pai. Quando nasceu meu irmão Júlio, no dia 26 de abril do ano de 1911, o Tenente Rosinha já comandava aquela guarnição de mateiros muitos anos e tinha como seu fiel amigo meu pai, foi por ele convidado a ser padrinho de batismo de meu irmão Júlio, convite que aceitou com alegria e mais uma vez, num domingo seguinte, estive em nossa casa, na localidade de Santa Maria, para promover a solenidade de batismo na capela local e depois participar de um almoço festivo em nossa residência. Digo nossa residência, embora eu só viesse a nascer oito anos depois de meu irmão Júlio, pois, dos quatorze filhos que minha saudosa mãe Silvéria deu à luz, eu fui o décimo terceiro, ou seja, o penúltimo. Esta lembrança do nome do Tenente Rosinha eu tive em rápidos reflexos ao ouvir as palavras do Prefeito Alberto Stein. E para poder confirmar que aquele era realmente o antigo Rosinha, aquele que meu pai tanto falava a seu respeito quando eu já possuía meus oito a dez ou mais anos de vida, ouvindo com muita atenção e gravando bem as suas conversas com amigos que nos visitavam, era preciso descobrir

a verdade sobre tudo isso. Por isso, fui me aproximando o máximo possível do palanque e buscando ficar bem em frente onde se achava o General. E quando achei que minha proximidade era suficiente para que ele me ouvisse, eu coloquei minhas mãos afunilando meus lábios e disse, quando o barulho já não era tão intenso: “General Vieira da Rosa, sois o mesmo antigo Tenente Rosinha, compadre de meu pai Luiz Alípio Gonçalves?”

O General ouviu isso e procurou me olhar de frente. E então eu repeti: “Sois o mesmo antigo Tenente Rosinha?”

O General fez um sinal com a mão para que eu fosse me postar na pequena escada que dava entrada ao palanque. Ele também deixou o encosto do balaustre e foi ao meu encontro, dizendo-me: “Quem és tu, que me conheces?” Sou o décimo filho de Luiz Alípio Gonçalves e Silvéria Gonçalves. Meu irmão Júlio é seu afilhado. Ele reside hoje em São Francisco do Sul e é funcionário da Estrada de Ferro do Paraná Santa Catarina”. Então o General disse: “E meu compadre Luiz? Eu respondi que meu pai havia falecido no dia dez de janeiro daquele ano, vítima de uma tuberculose pulmonar. E que minha mãe vivia comigo em Blumenau, mas que não se achava ali comigo. Então o General disse: “Como você, se chama?” Eu disse: “ Me chamo José”. E ele me respondeu: “José, faça o favor transmitir meu abraço à sua mãe e entre em contato com meu afilhado. Que idade ele tem?” Perguntou-me. E eu lhe respondi que Júlio possuía 23 anos. Então o General arrematou: “Comunica-te com Júlio dizendo que eu estarei ao seu dispor lá no Rio de Janeiro. Ele pode ir à minha casa. Basta viajar de ônibus até o Rio e lá na rodoviária tomar um táxi perguntando antes ao motorista se sabe onde é a sede do Partido Integralista. Todos sabem. Se ele souber, embarque e peça que o conduza até lá. E então diga aos que receberem o que ele está esperando por mim, seu padrinho. Logo estará em minha casa. Faça isso, por favor. “E muito obrigado a você”.

O General José Vieira da Rosa apertou minha mão e retornou

ao palanque. Pouco tempo depois falou Plínio Salgado, pronunciando vibrante oração que emocionou a todos. Repetiu várias vezes a sigla do Partido: “Deus, Pátria e Família”. Era realmente um notável orador e falava com muito sentimento de brasilidade. Ao final de sua oração, cujos aplausos não terminavam, os visitantes trocaram abraços com as autoridades locais e foram se retirando. Ao descer a pequena escada, o General Vieira da Rosa procurou-me pela fila que se formava à saída dos visitantes e, ao me avistar, acenou ainda com a mão direita como última despedida.

É preciso dizer ainda que, enquanto eu trocava aquelas palavras com o General Vieira da Rosa, discursava um dos membros visitantes, de sobrenome Barroso, cujo primeiro nome não consegui assimilar.

Na conclusão desse informe histórico, lembro-me de que o então Tenente Rosinha afastou-se de seu comando no Plate por volta de 1913, por ter sido promovido a capitão e então, no Rio de Janeiro, continuou sua carreira militar até atingir o generalato e, finalmente, ter sido transferido para a reserva...

Meu irmão Júlio recebeu minha comunicação sobre a mensagem de seu padrinho, mas declinou da viagem ao Rio de Janeiro, pois havia sido nomeado por concurso e possuía um bom salário nas funções que exercia.

Lá no Rio Plate, os trabalhos de apaziguamento dos índios e a instalação das famílias na colônia que se formava continuavam. Quem assumiu o comando de tudo em substituição ao Tenente Rosinha foi o neto de Luis Alves de Lima e Silva. De nome Eduardo de Lima e Silva Hoerhan – sua mãe era filha de Duque de Caxias e seu pai possuía sobrenome de Hoerhan. Eduardo, naturalmente por recomendação de Rosinha, manteve toda a mesma equipe que havia trabalhado com o mesmo. E assim também se tornou amigo de todos, por serem bons servidores, especialmente com muita deferência junto a meu pai pelo fato de que, além de experimentado apaziguador das tribos indígenas selvagens, ele era também um dos principais

carpinteiros que participava da construção das casas que iam sendo ocupadas pelas famílias que aceitavam viver entre a civilização branca. Assim, meu pai Luiz permaneceu naquela atividade até o mês de setembro de 1919, quando solicitou exoneração daquelas funções. Despediu-se de Eduardo e, após vender a propriedade que possuía em Santa Maria, comprou vasta área de terras com florestas na localidade de Terra Bonita, sertão do Ilse, detrito de Indail, município de Blumenau. Anos mais tarde, quando meu pai passou a ser balseiro na localidade do Diamante e eu já possuía meus oito anos de idade, Eduardo de Lima e Silva, cada vez que viajava com seu automóvel até Blumenau, fazia uma parada no Diamante. Era para visitar meu pai, sempre manifestando a ele a sua grande estima e gratidão pelos bons tempos de serviços que havia prestado naquela atividade de apaziguamento dos índios, cuja colônia já se achava com todas as gerações de silvícolas que se criaram naquela região.

BLUMENAU, CIDADE QUE EU AMO... HÁ 7 DÉCADAS !



BLUMENAU, CIDADE QUE EU AMO... HÁ 7 DÉCADAS !

Carlos Braga Muller*

Tanto quanto a memória ajuda, e este espaço permite, relembro algumas passagens destas últimas décadas, as quais vivi, sempre pisando solo blumenauense. Finalzinho dos anos trinta, Hollywood vive um período de grandes produções. Somente em 1939 são produzidos “...E o Vento Levou”, “No Tempo das Diligências” e “O Mágico de Oz”. Me dão algumas palmadas e eu choro pela primeira vez em uma maternidade que uma conhecida parteira mantinha na Rua São Paulo, pertinho da Fábrica de Chapéus Nelsa. Hitler apara o bigodinho, reparte o cabelo e declara: está aberta a temporada da Segunda Guerra Mundial.

Anos 40: o mundo, conflagrado, vive momentos dramáticos de uma guerra absurda. Até que, em 1945, ela acaba. Logo em seguida eu sou matriculado no Colégio Sagrada Família, onde aprendo a ler com a gramática de “Lalau, Lili e o Lobo”. A partir do terceiro ano primário vou para o Pedro II, na época declarado “escola modelo”. Ali termino a primeira etapa dos estudos e faço o ginásio.

Já estamos nos anos 50. Blumenau comemora o seu centenário em 2 de setembro de 1950; uma festança que ficou na lembrança de todos que dela participaram. Depois do ginásio, vou para o Colégio Santo Antônio e me formo técnico em contabilidade. Elvis acompanha todos nós, em discos e nos filmes, levando milhões de garotas ao delírio ao redor do mundo. Ave rock, nós mortais te saudamos! Atrás, em passos lentos, chega também a bossa nova brasileira... Começo a trabalhar em rádio... na PRC-4 Rádio Clube, a pioneira. Escapo de servir o exército.

Nos anos 60 deixo o rádio e vou para a Prefeitura. Ao lado

* Escritor. Novembro de 2008.

de Annemarie Techentin, ajudo a administração de Hercílio Deeke a fazer história. O prefeito seguinte, Carlos Curt Zadrozny, me nomeia seu oficial de gabinete. O vereador Bernardo Wolfgang Werner me convida para atuar com ele na Electro Aço Altona. 1969: é inaugurada a TV Coligadas de Santa Catarina, a primeira televisão do Estado. Sou o primeiro apresentador de noticiário de uma TV catarinense. E, inclusive, o responsável pela apresentação das notícias do Estado que vão para o “Jornal Nacional”.

Em 70 me elejo vereador duas vezes. No segundo mandato, já estamos na década de 80, exerço a presidência do poder legislativo durante dois anos.

Em seguida, Blumenau vive momentos de tragédia: as enchentes de 1983 e 1984. Mas a alegria da Oktoberfest vem como uma borracha, para apagar nossas mágoas.

A década de 90 é madrastra para a indústria têxtil e Blumenau praticamente submerge, na maior crise do setor. Aos poucos vamos nos livrando das amarras e reconquistando espaço. Surge a TV Galega e nela eu apresento, durante 3 anos, o programa “Cultura em Debate”.

Chega um novo século, questionado: será que ele não iniciaria somente em 2001, ano primeiro de uma nova etapa? Mas 2000 foi recebido com todas as pompas...

Começa a transmitir a TV Legislativa e, de novo, lá estou eu apresentando o primeiro noticiário. Escrevo meus livros “Contos que eu Conto”, “Histórias do Opa Muller” e vejo um livro meu, “Contos Escolhidos”, ser incluído no magnífico projeto escolar “Troque Lixo por Livro”. Ingresso na Academia de Letras Blumenauense. Sou investido na presidência da Proeb, a convite do prefeito Décio Lima, e organizo as Oktoberfest de 2001 e 2002.

Assumo uma cadeira no Conselho Municipal de Cultura, que presido durante um ano. E, passando por tudo isso, restam imagens na lembrança e uma frase no coração:

Blumenau, Cidade Que Eu Amo!



O CONTESTADO MOVIMENTO FANÁTICO

O CONTESTADO - MOVIMENTO FANÁTICO

Nº19

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 32

Sábado, 10 de março de 1913.

Notícias Locais

O terror em Rio do Sul

Por um elemento de mau caráter, chegado há pouco tempo do Paraná e agora morador nesta localidade, nos chegam notícias apavorantes de lá. Este vagabundo, conhecido sob a alcunha de “Bicho Unha”, ameaça a população da região, armado até os dentes. Por qualquer motivo, àqueles que não concordam com sua maneira de agir, ameaça matar. Invade residências, estupra mulheres e moças. A polícia local quis pôr fim a seus abusos, então ele resolveu vingar-se e terça-feira passada em companhia de um pacífico coroadado, mas fortemente armado invadiu o edifício da justiça. Os moradores se defenderam, respondendo ao fogo, no qual o bandido foi levemente ferido e teve que fugir.

O Juiz de Direito Dr. Pedro da Silva, depois de vários telegramas por autoridades e moradores pedindo proteção, enviou imediatamente o Sr. Capitão Euclides da Cunha com os seus homens, para a proteção dos moradores . O Juiz de Direito Também comunicou logo o acontecido ao governo estadual e espera agora, auxílio para efetuar a prisão do bandido.

Nº20

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 17 de maio de 1913.

Noticias Locais

“Bicho Unha”

O pavor serrano e dos moradores de Rio do Sul, parece estar morto, como nos informaram. Não seria de estranhar que este bandido tenha sido liquidado num de seus assaltos criminosos.

Nº2

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 10 de Janeiro de 1914.

Últimas Notícias

Os “Fanáticos de Taquarussú”, atacaram a cidade de Curitiba. Prasedes Gomes, um dos líderes, foi gravemente ferido e quatro outros morreram. Sob a força policial de 80 soldados e comandados, pelo Cel. Ferreira de Albuquerque, inclusive moradores, defenderam a cidade.

Nº7

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 04 de Abril de 1914.

Do Estado

“O Movimento Fanático” – As tropas governamentais destinadas a combater o movimento fanático, já estão reunidas no planalto. São cerca de 1500 homens. O canhão danificado foi transportado para o Rio e três outros já chegaram com as respectivas guarnições ao acampamento. Os fanáticos, ainda em sua maioria, mostram-se dispostos a enfrentar uma nova luta. Adeptos dos fanáticos fizeram compras estes dias em Calmon e declaram que os mortos voltariam em poucos dias ao campo de batalha e que o monge José Maria já fixou o dia da luta, ninguém pensa em entregar-se. Eles são merecedores do céu e quando este se abrir, então deixariam Gragoatá. Para tal fanatismo não resta mesmo nada mais que a luta. O “Diário da Tarde” escreve: Curitiba se preocupa com a doença que irrompeu entre as tropas e escreve: “Alguns soldados e sargentos que disseram estarem

doentes, podiam muito bem ser tratados no próprio acampamento e não era necessário enviá-los a Florianópolis. O Gal. Alberto de Abreu, para evitar um “alastramento” da doença, deu ordens para que todo soldado ou oficial regressasse imediatamente. A medida surtiu efeito, pois a “doença” entre os estacionados junto ao Rio Caçador já diminuiu de intensidade.

Nº 19

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 02 de maio de 1914.

Do Estado

Movimento fanático

As últimas notícias trazem a esperança de uma outra investida das tropas governamentais não seja necessária, pois os fanáticos já começaram a levantar acampamento e espalharam-se em diversas direções. O chefe da polícia de Curitiba telegrafou comunicando que 80 fugitivos de Caragoatá se apresentaram a ele e um pedido assinado por 200 pessoas dos moradores nesta localidade pedem garantias para voltar ao trabalho. Um observador enviado a Caragoatá trouxe as notícias que lá somente se encontram 240 homens, dispostos a enfrentar a luta. Um verdadeiro flagelo daquela região parece ser as já várias vezes mencionadas, líder do bando, o chamado Benenuto Baiano, que não faz muito tempo ameaçou também Canoinhas e aparece agora, uma vez aqui outra vez ali, saqueando fazendeiros.

Nº19

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 09 de maio de 1914.

Do Estado

Sobre o movimento dos “Fanáticos” podemos comunicar que, parece ser verdade que o mesmo está diminuindo. Os dois acampamentos

na região de Garagoatá, já estão quase vazios. A maior parte se embrenhou nas matas, onde pretendem aguardar quais as garantias que o governo lhes dará. De um lado foi afirmado que agitadores paranaenses estão atrás de tudo. Por emissários que instigam os mesmo contra Santa Catarina e procura convencer a se estabelecer em Timbó e apossar-se desta localidade. Tenebrosas é o sentido das palavras. O aviador Cícero Marques, que há pouco tempo fez demonstrações em Curitiba, se ofereceu para localizar os “Fanáticos” por vias aéreas, caso lhe seja emprestado um avião do aeroclube local. O ministro da guerra aceitou a oferta.

Nº21 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 23 de maio de 1914.

Do Estado

Do Movimento Fanático

O aviador Cícero marques que se ofereceu para fazer vôos de reconhecimento, viu seu pedido de empréstimo de um aparelho do aeroclube rejeitado.

Ao chefe de polícia de Curitiba apresentaram-se mais 19 fanáticos pedindo garantias de vida. O General Mesquita resolveu atacar agora o acampamento dos fanáticos em Gragoatá . Para isto, dividiu seu contingente de 1600 homens em 4 partes e que atacarão de quatro lados, concentrando-se no acampamento dos fanáticos.

Nº21 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 23 de maio de 1914.

Últimas notícias

Dia 17 do corrente mês, houve uma luta entre os “Fanáticos” e tropas governamentais perto da capela Santo Antônio, margem esquerda

do Timbozinho . As tropas perderam 4 homens e 1 vaqueano (desmatador). Os fanáticos deixaram 11 mortos no campo de batalha e levaram somente alguns consigo. Os fanáticos foram banidos depois de violenta luta e rechaçados. Os acampamentos Caragoatá e Meço Ferreira foram destruídos. O Gal. Mesquita estabeleceu-se no próprio campo de batalha e deve seguir para Tamanduá.

Nº33

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 11 de Julho de 1914.

Do Estado

O Movimento Fanático não terminará tão cedo, esta é a opinião dos conhecedores do assunto. O líder dos voluntários que se juntaram as tropas do Gal. Mesquita, nas ultimas batalhas, o Cel. Fabrício, chegou estes dias a Ponta Grossa. Eles mencionam que a situação é bem mais grave do que se pensa. Os fanáticos, diariamente aumentam em número e grandes contingentes de tropas serão necessárias para terminar definitivamente com este movimento.

As regiões de Taquarassú e Gragoatá , onde o movimento começou e onde aconteceram as primeiras lutas , são novamente alvos dos mesmos. Cerca de 200, que chegaram a Tamanduá, juntaram-se a eles. Morte e saque assinalam seu caminho. Um dos assassinados é um certo Veríssimo, que serviu as tropas governamentais como guia para Taquarassú. Sua morte é um ato de vingança dos bandos. De muito longe os fanáticos recebem reforços, assim que seus bandos aumentam o seu combate se torna cada vez mais difícil. Como vai terminar este caso na atual posição do país e confusão política, não sabemos.

Nº37 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 25 de Julho de 1914.

Últimas notícias

Cerca de 80 fanáticos atacaram a cidade de Canoinhas, mas foram rechaçados pelas tropas policiais e governamentais. Os fanáticos sofreram 16 baixas e muitos feridos. Muitos particulares também vieram em auxílio das tropas e estavam fortemente armados.

Nº40 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 05 de Agosto de 1914.

Do Estado

Movimento Fanático

O oficial da polícia Alferes Moraes, comandante das tropas em Três Barras, comunicou ao chefe de polícia que os superiores da cidade de Canoinhas se retiraram para Florianópolis.

Na luta em Canoinhas dia 15, morreram 18 fanáticos e o número de feridos era o dobro. O total de fanáticos era 600.

O jornal de Canoinhas “O Leme” escreve: “Os fanáticos avançaram aos gritos sobre a cidade, vindos de várias direções, eram ouvidos gritos de vivas ao Monge José Maria, a São Sebastião e a Monarquia. Procuraram esconderijos em todos os cantos, atirando sobre as tropas , que respondiam ao fogo. Os atacantes tiveram que se retirar, tinham trazido duas carroças, nas quais pretendiam colocar a munição capturada das tropas . Mais tarde as carroças foram encontradas nas proximidades de Canoinhas, com vestígios de sangue. Provavelmente usaram os mesmo para o transporte de seus mortos e feridos.

Sábado, 12 de agosto de 1914.

Transporte Serrano

Sobre o transporte que vem do planalto, nos vem a notícia de Rio do Sul (Südarm). No mês de julho de 455 animais de carga com 131 acompanhantes passaram à cidade, em julho 833 animais e 242 homens. O grande movimento se deve em primeiro lugar a intranquilidade reinante em Canoinhas. Quase todo o transporte vem vazio ou com pouca carga, mas voltam carregando munição, armas e víveres. Um morador de Mosquito contou: Quando estas tropas passam por nossas casas na viagem de voltam gritam: “Viva os Fanáticos” – “Viva a monarquia”. Poucas vezes deixam de fazê-lo. Podemos assim concluir que a maioria dos tropeiros pertence aos fanáticos. Dizem que o objetivo dos fanáticos é passar pela colônia de Blumenau em direção á Desterro e lá agitar a favor da monarquia.

Sábado, 12 de agosto de 1914.

Do Estado

Do movimento fanático

Como é do conhecimento de todos, desde o início do movimento fanático, faltou o mais necessário para as tropas e não só a falta de munição, também roupas e principalmente alimentos. Um verdadeiro avanço era dificultado e os maiores problemas das tropas combatentes era a falta de comida. O General Mesquita enviou um relatório detalhado ao governo, principalmente frisando estes pormenores, parece que agora no Rio compreenderam a verdadeira situação. Seguiram imediatamente: alimentos, munições e roupas para Curitiba e assim a tropa em campo de batalha pode ser pelo menos bem alimentada e aparelhada.

No campo de luta a situação por enquanto continua a mesma.

Os militantes são poucos para um ataque e precisam ficar em posição de defesa. Os fanáticos e os bandos que marcham sob sua bandeira são senhores da situação. Com que atrevimento, malícia e argúcia eles avançam, vem num relato que nos foi feito há poucos dias. Numa noite escura, penduraram no pescoço os sinos usados pelo gado, aproximando-se desta maneira do acampamento militar. Chegando bem próximo, descarregaram suas armas Winchester contra as tropas, a esmo, e desapareceram outra vez na escuridão.

Nº43 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 15 de agosto de 1914.

Do Estado

Sobre a história dos “Fanáticos”, chegou ao jornal “Volkszeitung” (Jornal do Povo) de São Bento do Sul, da parte de um entendido, um artigo que traz um pouco de luz no desenvolvimento deste movimento e que aqui trazemos para nossos leitores. “Quando em 1894, a revolução foi dominada pelo governo, naturalmente muitos dos vencidos tinham que refugiar-se da possível mão vingadora e assim procuraram regiões onde não pudessem ser tão facilmente alcançados”. Acharam então que os sertões de Canoinhas eram o lugar ideal e resolveram ficar. A zona contestada era totalmente desabitada, rica em plantações de erva-mate, boas pastagens ofereciam um próspero futuro, ao mesmo tempo, o rio permitia boa comunicação com o mundo exterior. Assim, certo dia, 1894, chegou um grupo com cerca de 100 famílias, sob a liderança de um certo Francisco Paula Pereira, (dizem que é natural de Porto Alegre). Aqui onde hoje é a vila começaram a erguer os primeiros ranchos. Todos os fugitivos eram paranaenses. Seguiram então, em curtos intervalos, sempre mais fugitivos e como naquele tempo, nem Paraná nem Santa Catarina apresentava uma força policial, estes “Fanáticos” resolveram criar seu próprio governo do qual era chefe este Pereira. A terra

foi dividida entre eles e no Rancho do Pereira se reuniam periodicamente por vários dias , que passavam rezando e lendo a bíblia. Parece que naquele tempo reinava entre eles uma espécie de comunismo. Pouco mais tarde vieram os primeiros comerciantes, o primeiro foi o Sr. Robert Ehlke. Como se faziam bons negócios, logo veio outras pessoas, inclusive pessoas com certa cultura. Neste exato tempo cai o aparecimento do monge João Maria, que pregava aos caipiras e lhes dava conselhos, muitas vezes revoltantes. Por volta de 1898, Santa Catarina começou a dar mais atenção a esta região e nomeou para aquele lugar o primeiro distrito policial, dependente da Comarca de Curitiba e como primeiro delegado, foi nomeado o Sr. Robert Ehlke.

Nº44

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 19 de agosto de 1914.

Do Estado

“Movimento Fanático”

Foi dado no ano passado em Taquarassú, o primeiro impulso para a formação deste movimento. Quem começou não se pode precisar, porque Taquarassú não fica muito distante de Curitiba. É certo que foram inimigos de Albuquerque, pois este vivia e comandava como um sultão da Turquia, nos tempos antigos. Naquele tempo, teria sido fácil ao governo intervir com energia e ao mesmo tempo fazer justiça as reclamações dos moradores do Município de Curitiba. Mas este deixou passar muito tempo, tempo demais, assim, de uma brasa surgiu uma enorme fogueira, que, para apagá-la ainda levará muito tempo. Eu sou da opinião que Taquarassú nunca teria atingido tais proporções se inimigos de Albuquerque não tivessem apoiado o caso no início.

Antes que Taquarassú fosse tomado pelas tropas, já existia

Gragoatá e aqui a força aramada sofreu sua primeira derrota. As lutas seguintes, no Rio Timbózinho, também não trouxeram vantagem e sucesso as tropas e assim, podiam proclamar os caboclos: “Vem os soldados, não podem vencer, é mesmo uma luta de são Sebastião”. Agora querem recuperar o que antes possuíam, isto é, tudo, a vila de Canoinhas e depois a sua própria, para erguer a prometida monarquia de João Maria. Aos fanáticos juntaram-se com o decorrer do tempo, também ambiciosos, que queriam projetar-se na política, como por ex: Antônio Tavares Jr.. Além disto, todos os elementos adversos ao trabalho que vivia em ambos os lados da fronteira e que tinham contas a prestar com a justiça, como João Frias e comparsas.

Descrever este povo, ainda como ingênuos e pacíficos, seria um grande atrevimento, porque isto atiraria areia nos olhos do governo e entregaria pacíficos moradores nas mãos destes bandidos. Será que podem ser chamados de ingênuos, pessoas que nas lutas de Gragoatá mataram o Tenente Belísio em luta depois retalharam seu corpo até o irreconhecível?? (somente pelas divisas foi reconhecido) e , que mataram os feridos internados no hospital para depois os retalhar? Aqueles que desenterram seus companheiros mortos em luta os cortam em pedaços e os jogam aos cachorros? A meu ver não, creio que muitos são da mesma opinião.

É conhecido por aqui, que um dos chefes deles disse: “Se chegarem a Canoinhas, cortamos a cabeça de todos os homens e das mulheres os cabelos”. – Felizmente aqui só entrarão se as tropas militares se retirarem, mas então, os moradores os seguirão também. Porque tática podem ter no mato, mas aqui, onde precisam aparecer em campo aberto, não alcançarão nada. Que o ataque do dia 15 foi feito pelos fanáticos e não por um bando aramado qualquer, foi agora também aceito pelo Capitão Mattos Costa. Foi comunicado a ele pelos próprios “Fanáticos”, com os quais queria chegar a um acordo pacífico. A resposta deles foi a seguinte: “Se ele não queria ver sangue, que se retirasse com seus soldados, pois eles

precisavam de Canoinhas”. Desde o ataque do dia 15, tentou por duas vezes, seriamente aproximar-se das trincheiras para tomar as mesmas, munidos de facões, mas a vigilância constante dos soldados impediu que isto acontecesse. Além destes dois ataques mais sérios, eles, noite após noite, tentam perturbar os soldados nas proximidades das trincheiras, para levá-los ao gasto inútil da munição. No entanto, as duas últimas noites foram mais tranquilas, devido a lua e as trincheiras e o mato próximo estarem mais iluminados, sendo uma surpresa desagradável, mais ou menos afastada. Ainda anteontem foi possível aos fanáticos se apoderar da camionete do Sr. Artur César em Timbó, perto de Vila Nova, a mesma estava carregada de mantimentos e destinadas a venda do Sr. Neosinho Pinto. A tripulação foi presa, somente o Sr. César conseguiu fugir. O Capitão Matos Costa foi chamado ao Rio, esperamos que no lugar dele venha um homem mais enérgico e que ponha fim a esta história com atitude dos soldados, tanto no serviço como fora dele. Devemos isto, provavelmente também à atitude enérgica dos oficiais, que proibiram a venda de aguardente aos soldados. O prejuízo causado pela matança de gados pertencentes aos colonos, atinge cerca de 5000 cabeças e os prejuízos causados ao comércio é incalculável.

Nº 47

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 29 de agosto de 1914.

Do Estado

De União da Vitória nos chega a notícia de que muitas famílias abandonaram a cidade, porque o exército dos fanáticos está se aproximando e prevêem sangrentos combates. O exército fanático cresce dia-a-dia, dizem que por trás se escondem ambições políticas que dirigem a massa e que sonham com uma restauração da monarquia. Querem formar um exército revolucionário. Foi feito um convite ao chefe revolucionário rio-grandense Rafael Cabeda como ao de Ponta Grossa o Cel. Salathiel

de Paula para chefiar este exército. De Curitiba chega a notícia de que os fanáticos tomaram Papanduva e mataram todos os homens pertencentes ao destacamento policial sob o comando do alferes Ângelo de Mello Palhares que estava de prontidão. Seguiram mais de 40 homens para Papanduva. Incrível é que a aglomeração deste bando de fanáticos não acaba e, além disto, ninguém sabe de onde recebem o dinheiro e as armas de que dispõem. Está em tempo que se faça alguma coisa mais concreta, para acabar com este movimento que se torna diariamente maior e mais ousado.

Nº50 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33
 Sábado, 09 de setembro de 1914.
 Notícias locais - Fanáticos

No vale do Itajaí, conta-se com certeza com uma passagem dos fanáticos pelas colônias. Emissários deles percorreram as estradas principais comprando mantimentos, armas e munições e primeira classe. Ainda deixaram transparecer que planejam uma marcha até Florianópolis, para restaurar a monarquia. Prometem não usar de violência se os deixarmos passar tranquilamente. Naturalmente, os moradores nesta região estão apavorados e se dirigiram ao superintendente para que o mesmo tomasse providências para que os colonos não fossem surpreendidos pelos fanáticos, qualquer dia destes. Não podemos impedir a passagem dos fanáticos. Como nos parece, no entanto, pode acontecer deles passarem desarmados e em pequenos grupos. Ao passar a colônia, as armas lhes serão restituídas. Não acreditamos muito neste boato, pois no Paraná e Rio Grande do Sul correm os mesmo boatos e põem a população apavorada. Nossa colônia ao mesmo tempo é muito populosa e os fanáticos não encontrariam campo para suas atividades.

Sábado, 16 de setembro de 1914.

Do Estado

Movimento Fanático

O estado do Paraná mobilizou toda sua força policial, num total de 600 homens, que já seguiram para Rio Negro. São destinados a limpar as localidades de Lucena e Papanduva dos fanáticos. Outros permanecerão em Rio Negro para segurança dos moradores.

Por parte de vários chefes políticos, foram oferecidos voluntários ao governo paranaense. Desde o princípio foi dito que o objetivo principal dos fanáticos era restabelecer a monarquia, pois por onde passavam davam vivas a esta. Realmente certo Manoel Alves de Assunção Rocha, se fez proclamar imperador e, “Sua Majestade” já divulgou um manifesto proclamando o “Império Sul Brasileiro”.

Ao telegrama enviado ao Sr. Dr. Felipe Schmidt pela câmara Municipal e Câmara do comércio, este respondeu que o governo federal tomaria enérgicas providências para terminar com este banditismo. O nosso governo estadual já pediu intervenção federal, no caso, como também o governador do Paraná. Parece que houve um entendimento mútuo entre os dois governadores. Numa entrevista feita pelo deputado catarinense Dr. Celso Bayna com um jornalista do Rio sobre o movimento fanático, deixa transparecer que as opiniões sofreram uma mudança e estão dispostos a agir para restabelecer a ordem e tranqüilidade. O Sr. Dr. Celso Bayna disse o seguinte:

“Somente meios suaves de persuasão e lealdade podem ser empregados, assim alcançaremos o objetivo desejado. Desta forma e sob proteção de força militar pode ser restabelecida a ordem. Em primeiro lugar torna-se necessário conhecer as reais causas que levaram os fanáticos a este movimento. A principal causa parece ser a injustiça cometida com

estes homens que agora estão aramados e antes eram tão confiantes. Eles se apossaram de terras e devido a longa posse dos mesmos, julgavam-se também proprietários delas. O governo do Paraná, no entanto, deu a outras pessoas o direito de posse destas terras e estes, baseados em seus direitos, começaram a expulsar os antigos proprietários. Desta injustiça, veio e vem, ainda hoje toda resistência, que foi se tornando cada vez mais bárbara e feroz. Agora em primeiro lugar, é necessário despertar neles novamente a confiança com a justiça e dar-lhes oportunidade de reaver suas terras.”

Parece que querem dividir agora o elemento saque, estupro e assassinato a que os bandos se dedicam em grande massa, com injustiça talvez estejam certos. Contra estes atos de barbarismo somente um desconsiderado avanço pode alcançar o objetivo e parece que o general setembrino de Carvalho é o homem indicado. (Transcrito do Kolonial Zeitung - Jornal Colonial de São Bento).

Nº53 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 19 de setembro de 1914.

Notícias Locais

Do Rio do Sul

No mês de agosto o trânsito e passagem de animais de carga era muito intenso nesta região. Passaram 854 animais com 238 acompanhantes, também chegou muita erva-mate.

Dizem agora que todos os passantes em viagem de regresso a Curitiba são revistados pelos soldados do exército e, quando necessário, retidos. Esta medida, caso seja verdadeira, deverá diminuir consideravelmente o movimento.

Nº55 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 26 de setembro de 1914.

Noticiário semanal brasileiro

Em consequência do movimento fanático, reina em Ponta Grossa grande intranquilidade. Chegaram três trens com mulheres e crianças de Porto União, os homens vieram ontem à tarde. Muitos retornaram a Porto União, pois dizem que os fanáticos não irão para lá. As famílias chegaram somente com a roupa do corpo e de chinelos e mais nada. Os fanáticos agiram barbaramente em Calmon e São João. O Sr. Luiz Skina foi assassinado, sua esposa e crianças se encontram em Ponta Grossa, um filho está desaparecido. Cerca de 500 fugitivos se encontram nesta cidade. A Sra. Evarista Fecci relatou o seguinte ao redator destas linhas: “O primeiro a ser assassinado foi Antônio Lyk que antes era empregado de Burmester Thon e Cia em São Matheus. Ao atender a uma batida na porta e abri-la, recebeu um golpe de sabre sobre a cabeça que em seguida foi decepada. Um segundo homem trespassou-lhe o corpo com um golpe de sabre, tudo aconteceu tão rápido que o Sr. Lyk, ainda em pé já estava morto. O mesmo destino teve o Sr. Luiz Skina. Quando este estava morto, tinha chegado a vez das crianças, mas a mãe atirou-se no meio pedindo que fossem poupadas. Os bandidos assaltantes eram conhecidos da família e muitas vezes tinham comido e bebido na casa deles. Quando a Sra. Skina lhes lembrou este fato, os mesmo desistiram de seu intento, mas disseram que tinham que falar primeiro com seu capitão, um rapagão de 16 anos. Este concordou em poupar as crianças mas sob uma condição: a mulher teria que seguir com o bando, o que ela apavorada prometeu, porém mais tarde numa ocasião, fugiu. Esta pobre mulher sofreu muito. Pediu para que enterrassem o marido assassinado, mas os bandidos negaram fazê-lo, assim, ela e mais uma outra mulher cujo marido também tinha sido morto, enterraram juntas os dois homens.

Um outro homem morto por eles: amarraram os pés, penduraram o mesmo de cabeça para baixo numa árvore e atearam fogo por debaixo da cabeça. É comum que joguem crianças pequenas nas fogueiras.

Depois que a Sra. Skina enterrou seu marido, foi obrigada a preparar comida para 169 homens, todos integrantes do bando, depois teve que costurar nos 169 chapéus fitas coloridas que tinham roubado numa venda. Antes de partir, os bandidos saquearam todas as casas na vizinhança e as incendiaram.

Nestas palavras nada foi enfeitado, infelizmente, é a triste verdade.

Nº56 BLUMENAUER ZEITUNG Ano 33

Sábado, 30 de setembro de 1914.

Os Fanáticos

Depois que os chamados “Fanáticos” cometeram toda espécie de atrocidades na fronteira do Paraná, obrigando os moradores a uma fuga precipitada de suas localidades, os mesmos tomaram rumo a Curitiba e incendiaram a cidade. O telégrafo para cá está interrompido. O juiz de direito fugiu para Lages e os moradores, salvo os que acompanharam os revolucionários (exigem ser chamados assim), devem ter igualmente fugido.

Em Rio do Sul (Sudarm), os moradores acreditam que os fanáticos estão se dirigindo para aquela cidade e os colonos já estabelecidos pediram ajuda a Blumenau, enviando ao mesmo tempo um telegrama ao governador, pedindo armas e munição e, se possível, ajuda militar.

A Sociedade de Caça e Tiro convocou no mesmo dia uma reunião para a qual compareceram 150 pessoas. Depois da leitura do telegrama recebido de Rio do Sul, discutiram de que forma poderiam prestar auxílio e resolveram o seguinte: “Primeiro: enviar um telegrama ao governador, reforçando o pedido dos colonos”. Foi formada uma comissão para iniciar os preparativos, organizar um grupo de homens que, em caso de avanço dos fanáticos, estivessem prontos a dirigir-se ao distrito em perigo para auxiliar na defesa. A direção da Estrada de Ferro, imediatamente,

concordou com o transporte. Para ter certeza do que os fanáticos realmente querem fazer o Pe. Marcelos ofereceu-se para telefonar aos padres em Lages, conhecedores das condições e pessoas de lá, obter esclarecimentos sobre o que está acontecendo e comunicar logo as notícias recebidas. Desta forma o auxílio pode ser levado na hora certa.

Nº57

BLUMENAUER ZEITUNG

Ano 33

Sábado, 03 de outubro de 1914.

Do Estado

As medidas contra os fanáticos tomaram vulto agora. O 10º Regimento de Infantaria com um efetivo de 1395 homens, deverá partir de porto Alegre para o “campo de batalha”. Também o 6º Regimento de Infantaria de Curitiba com 1395 homens e o 56º Batalhão de Caçadores com 501 homens, dois grupos com metralhadoras. O acima Batalhão de Caçadores já seguiu dia 23. Os dois aviadores Kirk e Darioli receberam ordens do governador para efetuar vôos de reconhecimento.



CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Carta nº33

Curitiba, 10 de junho de 1884.

Querida Mamãe.

Tu deves ter recebido uma carta minha há pouco tempo, pela última mala do correio. Não te escrevi mais porque estava anoitecendo e tive muita vontade de ainda jogar a carta na caixa de correio que fica não muito longe daqui. Percebo pela tua última carta que tu estás novamente muito enganada quando crês que Papai está trabalhando tão perto daqui; fosse este o fato e eu já há tempo teria feito uma visita a ele.

Eu conversei com meu mestre no decorrer desta semana e ele disse que me daria outros trabalhos, mas quando? Como já te escrevi, ele é uma pessoa que promete e não cumpre. Ontem visitei o Sr. Schulliger e tive que lhe dar razão - coisa que da minha primeira visita, rebati - que o mestre é um homem sem caráter. No primeiro tempo tive uma impressão melhor dele do que ele é, pois o mestre tem maneiras gentis e sinceras demais, para com elas encobrir suas intenções enganadoras; mas quanto mais se penetra na selva, mais se está perdido, pois ela parece amável, mas só tem perigos.

Talvez tu tenhas razão quando dizes que eu estaria em melhor situação se tivesse escolhido ser qualquer outra coisa. Mas a mim me pareceu que se eu me tornasse telegrafista ou escolhesse outra profissão, não teria desafios a enfrentar, logo eu que sonhava de um dia achar a morte nas ondas impetuosas do mar. O Holetz deve ter morrido em consequência de ter bebido cachaça demais no passado e ter parado de repente.

Eu desisto agora de todas as minhas esperanças de ir para o alto-mar, pois prevejo que terminarei meus dias como lenhador ou coisa parecida.

Saudações bem carinhosas a todos e tu mesma sejas mil vezes
saudada e beijada pelo teu melancólico filho que muito te ama

Edmund

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:

Edmund - filho primogênito de Emil. Sua mãe escreve numa outra carta: “Edmund herdou a melancolia dos Odebrecht”. No 4º parágrafo de sua carta Edmund fala que “sonhava de um dia achar a morte nas ondas impetuosas do mar”. De fato viria a adoecer no navio (era época de epidemia de febre amarela) no qual trabalhava como chefe de máquinas (comandante?) e foi enterrado em Fortaleza, Ceará. Edmund é o pai de Emílio (2º), construtor da hoje já histórica ponte de concreto armado de Indaial (Ponte dos Arcos) - Emílio trabalhara no Rio de Janeiro com seu primo Emílio Baumgart, o introdutor do concreto armado no Brasil. As firmas de Emílio (2º) Odebrecht, filho de Edmund, foram as precursoras da Norberto Odebrecht da Bahia.

Sr. Schulliger e Holetz - não sabemos informar. **Mestre** - da firma Müller, precursora da atual empresa Müller & Irmãos, de Curitiba.

Carta nº34

Blumenau, 9 de julho de 1884.

Querida Tia Anna.

Recebi tua carinhosa carta, juntamente com a gola enviada por tia Adelheid e que agradeço de todo o coração. Mamãe colocou a gola juntamente com outros presentes na minha mesa de aniversário. No dia 18 de junho fiz 18 anos. Enfeitamos a casa toda com *Kränze* (trad. literal: coroas trançadas com folhagens verdes) e com palmeiras; frente à porta da casa também plantamos palmeiras. As pessoas que passavam, paravam e perguntavam que festividade estava havendo. Eu ganhei muitos presentes, quase tudo coisa útil: um vestido de tecido resistente para usar em casa (*ein derbes Hauskleid*), um corte de tecido para fazer roupa de baixo, um espartilho, um par de botas, quatro peitinhos (Kravatten), duas toalhas de

mesa e seis guardanapos; de minha avó ganhei 1/2 dúzia de xícaras, de minha prima ganhei uma manta de lã. Minha prima está há três meses aqui em casa e juntas vamos às aulas de costura numa costureira muito jeitosa! A mesma foi, em tempos idos, talhadeira na firma Ge...(ilegível)... em Berlim. Quando chove, não vamos, pois os caminhos logo se tornam lamacentos. Eu deverei ir só mais este mês.

August ainda está fazendo seu aprendizado para comerciante (*Lehre*) na firma do Lueders. Edmund escreve que não aprende nada lá com seu mestre (aprendizado de mecânico e construtor de máquinas em Curitiba) e está muito desesperado. Oswald será confirmado ainda este ano, também não sabe ainda que profissão escolher. Talvez Papai o leve consigo depois do Natal, para ele ver outros horizontes. Rudolf quer ser padeiro, pois gosta muito de bolo.

Querida Tia, estou anexando fotografia minha e do caçulinha, junto também um cacho de cabelo de cada um, menos de Edmund e de August, que não estão em casa. Junto também uma pequena plantinha de cactus, queira plantá-la num vaso e regá-la sempre, ano que vem ela já poderá florescer, as flores são lilás-rosadas.

Querida Tia, tenho ainda um desejo e um pedido: eu queria muito um par de luvas de seda preta ... (ilegível) ... sem dedos e que cheguem até os cotovelos, não sei fazê-las e não acho seda adequada.

Quero terminar por hoje, pois meu corpo todo está moído; minha amiga e eu cavalgamos até Indaial, saímos daqui às 8h da manhã e chegamos lá ao meio-dia, só passamos lá umas poucas horas e às 10h da noite eu estava novamente em casa, toda dura, mal consegui descer do cavalo.

Adeus, querida tia, noutra vez escrevo mais, te abraça e te beija com muito amor, tua sempre dedicada sobrinha

Mathilde

Em tempo: Querida Anna.

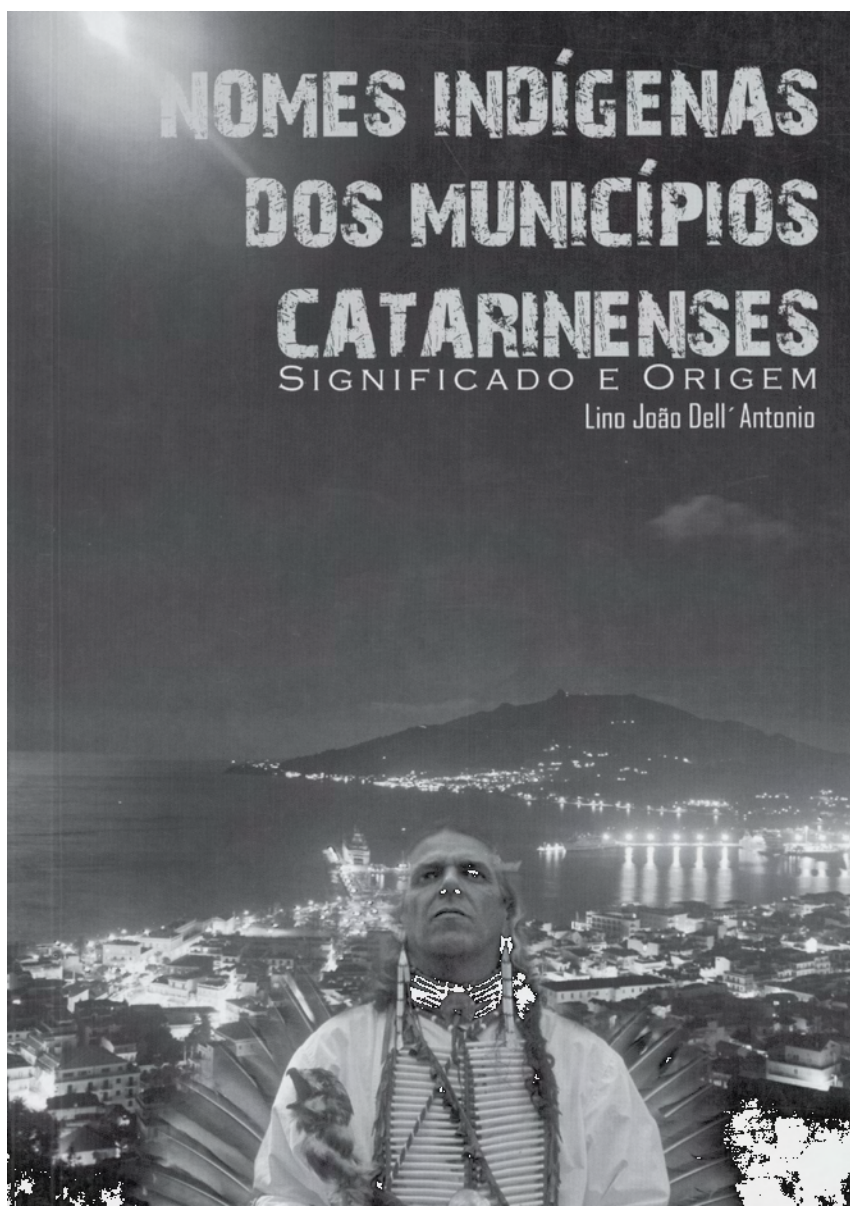
Hoje só algumas linhas, pois eu tenho que cuidar de hospedar minha visita: minha sobrinha com seus filhos. Ela queria mandar fotografar as crianças, mas começou a chover; agora ela vai ficar até melhorar o tempo. Provavelmente escreverei e mandarei com a próxima mala do correio o pedido do que eu gostaria que tu comprasses (*gerne von Dir besorgt haben möchte*) para mim. Ainda não escrevi à Marie, mando lembranças a ela com muito carinho. Envio-te anexa a última carta de Emil, bem como a de Edmund. Tu deduzirás das mesmas que aqui também não vivemos num mar de rosas e a luta pela sobrevivência é travada em todos os lugares. Pela próxima mala do correio escreverei mais, cordiais saudações a todos os parentes

Tua Bertha.

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:: **O caçulinha:** recebeu o nome de Adolf, único dos filhos a ter a oportunidade do ensino superior, cursou a Escola de Engenharia no Rio de Janeiro e seguiu as pegadas do pai. Entre outros muitos trabalhos, fez o levantamento do Rio Tocantins - expedição para a qual convidou seu irmão Edgar que até o fim da vida contava as peripécias pelas quais eles haviam passado. Fez também um Projeto de Contenção de Cheias do Rio Itajai-açu; isto foi antes da Revolução que deu vitória a Getúlio Vargas e os novos governos não se interessaram pelo projeto. Ele teve um filho, Armando, que foi médico em Blumenau.

espartilho (...) **luvas de seda preta sem dedos e que vão até os cotovelos:** ficamos pasmos com o desfile de elegância da sociedade blumenauense daquele tempo, nos bailes e eventos festivos, conforme também comprovam fotografias da época. Em compensação, em várias cartas lemos que os presentes de aniversário e Natal para as meninas e mocinhas são praticamente todos de ordem prática ou para compor o enxoval.

cavalgamos até Indaial: (na época: 27,5 quilômetros, escreve Odebrecht em seu diário). Já em 1884 as moças teuto-brasileiras gozavam de liberdades que muitas outras moças não tinham. Cavalgar sozinhas até Indaial e voltar às 10 horas da noite, ainda nos dias de hoje deixaria as mães “com o coração na mão” - e Bertha não deve ter sido exceção ... Em outra carta Mathilde escreve que cavalgar é seu único divertimento.



O FANTÁSTICO MUNDO DA ETIMOLOGIA

O FANTÁSTICO MUNDO DA ETIMOLOGIA

Enéas Athanázio

Depois de anos de silenciosa pesquisa, buscando elementos em copiosa bibliografia, aqui e em outros centros, o Prof. Lino João Dell' Antonio acaba de publicar um livro que marcará época nos estudos catarinenses. Trata-se de “Nomes indígenas dos municípios catarinenses – Significação e origem” (Odorizzi Gráfica e Editora – Blumenau – 2009), em que procura desvendar o exato significado dos topônimos indígenas de numerosas comunas de nosso Estado. Segundo o acadêmico José Curi, **expert** no assunto, “Lino pode ser colocado ao lado dos grandes tupinólogos, quer sejam eles do passado, quer sejam eles do presente” (p. 10).

Estudioso de longa data das línguas tupi-guarani e caingangue, concluiu o autor que “muitas definições equivocadas escondem páginas bonitas da história de muitos topônimos indígenas catarinenses” (p. 11). E no afã de colocar as coisas nos devidos lugares e corrigir distorções, entregou-se à exaustiva e vagarosa tarefa de buscar as denominações corretas de inúmeras cidades catarinenses. Para tanto, lançou mão de criterioso método de pesquisa que consistiu em “dividir corretamente os étimos do termo e descobrir o significado de cada um deles” para, em seguida, se fundamentar “no princípio sistemático indígena de que não existe nome sem referência objetiva” e, por fim, numa pesquisa na história e na literatura relativa a cada uma das cidades e suas regiões (pp. 39 a 44). Segundo ele, as línguas indígenas têm estrutura diferente das modernas, fator que, uma vez ignorado, conduz a resultados equivocados, porque esquece o processo de ideação dos povos primitivos. O processo de ideação dos índios – afirma ele – é feito através de imagens-conceito, suas referências são particularidades permanentes

da realidade física do local que o índio adapta de forma pragmática para atribuir as denominações – a chamada plasticidade descritiva dos filólogos. Em abono de suas teses, cita o autor variados e convincentes exemplos, mostrando que aspectos geográficos e físicos característicos do local são fundamentais na descoberta do real significado da denominação.

O livro se abre com breve história da ocupação indígena no Estado, revelando que os guarani se espalharam por todo nosso território, ao contrário do que às vezes se imagina. Acoissados em seus campos nativos pelos bandeirantes e colonos, adentraram o sertão e enveredaram pelos ínvios onde se sentiam mais seguros. Vítimas da perseguição sistemática (batedores de mato e bugreiros) e dos latifundiários que se estabeleciam, eram vistos como bárbaros, temidos pelos brancos que, por sua vez, também provocavam o temor dos indígenas. “Os brancos temiam aos índios como selvagens bárbaros e os índios vice-versa, temiam aos brancos como bárbaros selvagens” – anotou, com razão, um antropólogo. Diante da inexistência de qualquer política indigenista que lhes concedesse um mínimo de proteção, a população índia foi minguando e com ela sua cultura e suas línguas. Existia e ainda existe, como salienta o autor, um preconceito velado contra a terceira etnia formadora de nossa nacionalidade, uma vez que o índio despertava no colono um sentimento de medo, sepultando tudo que a ele se relacionasse. E isso é lamentável porque a cultura indígena está entranhada em nossa formação como povo, daí a importância de trabalhos como este que aqui se comenta.

Em seguida, analisa o autor, de forma sistemática, cada um dos topônimos de municípios catarinenses, num total de 81, além de oito nomes corrompidos linguisticamente, número que deveras me surpreendeu porque nunca havia observado que houvesse tantos. Também despertou a atenção o fato de serem de origem indígena nomes que jamais imaginei que o fossem, como Curitibanos, Bombinhas, Bom Retiro, Capinzal e Lages.

No exame de cada um deles o autor fornece breves notas históricas, descreve as peculiaridades geográficas e físicas e informa o significado do nome, decompondo-o segundo seu método. Assim, afirma o ensaísta, Camboriú, ao contrário do que se dizia, significa “rio com cercas de varas”, na tradução literal, em alusão à armadilha de pesca empregada pelos indígenas. Nada de “rio dos robalos”, “onde o rio cambia” ou “seio de mamar” como houve quem afirmasse.

Concluindo, este é um livro interessante e informativo como poucos, de leitura indispensável pelos que se interessam pelas coisas de nosso Estado e dos indígenas que por aqui viveram.

ÍNDICE DA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS 2010

Título	Autor	Nº	Página
A Escola Alemã de Hammonia	Harry Wiese	03	46
A instituição museológica no ensino da História	Carmen Hoffmann	01	61
A subjetividade no mundo da prostituição	Celso Kramer	01	77
Artigo Associação de moradores em Blumenau: continuidades e mudanças na prática da democracia	Edinara Terezinha de Andrade; Lahra Neves Batista	01	37
Artigo Crime e escravidão no berço da fiação catarinense: Brusque (1861)	José Bento Rosa da Silva	02	18
Artigo Fragmentos fotográficos de corpos disciplinados: reflexões sobre a Associação de Ginástica em Blumenau	Fernanda Rinaldi / Carla Fernanda da Silva	03	28
Artigos Marcas da vida na hora da morte: identidade e memória por meio dos cemitérios e seus acervos	Elisiana Trilha Castro	04	26
Artigos Cozinhar, costurar, lavar e passar: a remodelação do modelo familiar e a institucionalização do feminino na Vila Operária Próspera (1950-1960)	Ismael Gonçalves Alves	05	40
Artigos Elementos da relação público e privado e os modos de vida na cidade	Queli Flach Anschau	06	38

Artigo A gênese da Escola de Educação Básica Pedro II	Jader Rene Cipriani	06	55
As tropas militares da Guerra do Contestado em passagem no Vale do Itajaí: descrição da paisagem e do modo de vida regional	Nilson Cesar Fraga / Fernando Anísio de Oliveira Simas	05	58
Autores Catarinenses Patronos e Sonetos	Enéas Athanázio	01	120
Autores Catarinenses O passado não morre	Enéas Athanázio	02	121
Autores Catarinenses Calmon desvenda seu passado	Enéas Athanázio	03	122
Autores Catarinenses A linguagem da Serra-Acima	Enéas Athanázio	04	121
Autores Catarinenses Cabeza de Vaca	Enéas Athanázio	05	122
Autores catarinenses O fantástico mundo da etimologia	Enéas Athanázio	06	121
Catolicismo e italianidade: a metáfora de uma identidade confessional	José Roberto Severino	02	33
Correspondências de imigrantes	-	01	112
Correspondências de imigrantes	Tradução e Comentários: Rolf e Renate Odebrecht	03	94
Correspondências de imigrantes	Tradução e comentários Rolf e Renate Odebrecht	04	97
Correspondências de imigrantes	Tradução e comentários Rolf e Renate Odebrecht	05	115
Correspondências de imigrantes	Tradução e comentários Rolf e Renate Odebrecht	06	111

Correspondências de imigrantes- Emil Odebrecht	Tradução - Renate e Rolf Odebrecht	02	111
Documentos originais Crônica Corupá: Fundação e desenvolvimento da Comunidade “Hansa Humboldt” Corupá: Entstehung und Entwicklung der Gemeinde “Hansa Humboldt”.	Klara G. Hermann	02	7
Documentos originais Imigrante Na Alemanha e no Brasil In Deutschland und Brasilien	Gustav Stutzer	01	07
Documentos originais Viajante No Campo e na Mata Virgem do sul do Brasil: um esboço sobre as colônias e sobre a cultura alemã Im Kamp und Urwald Südbrasilens: Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschtumskunde	Hugo Grothe	03	07
Documentos originais Viajante No campo e na mata virgem do sul do Brasil: um esboço sobre as colônias e sobre a cultura alemã IM KAMP UND URWALD SÜDBRASILIENS: Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschtumskunde	Hugo Grothe	04	7
Documentos originais Viajante Na Alemanha e no Brasil: Viagem ao sul do Brasil – 1888 In Deutschland und Brasilien: Reise in Südbrasilien – 1888	Gustav Stutzer Tradução: Annemarie Fouquet Schünke	05	7
Documentos originais Viajante A Mulher do Imigrante: Vivências da esposa de um colono no sul do Brasil Die Frau des Auswanderers Erlebnisse einer Kolonistenfrau in Südbrasilien Von Emilie Heinrichs Geleitwort	Emilie Heinrichs	06	7

E os morros andaram	Alda Niemeyer	01	108
Entrevista A saúde em Blumenau - Dr. Nilton Nasser	Luiz Antonio Soares / Danilo Gomes	02	61
Entrevista O trabalho remunerado das costureiras em seu domicílio	Nelzi Schmitz Feldhaus entrevistada por Ana Maria Ludwig Moraes	03	84
Entrevista As Haustöchter no Hospital Santa Catarina: aprendendo “de tudo um pouco”	Roberto Marcelo Caresia	04	103
Entrevista História de vida: Ludmila Isabel Schmidt	Solange Terezinha Felippi	05	82
Família Tafner Andrey José Taffner Fraga/Maria Antonietta Bellato Tafner	-	04	62
Fragmentos da nossa história local O Contestado - Movimento fanático	-	06	93
Galeria de imagens Cento e cinquenta anos de Teatro em Blumenau	-	03	110
Memórias Tamandaré Futebol Clube	Walmor E. Belz	01	105
Memórias Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras	Ellen Crista da Silva	02	47
Memórias Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras	Ellen Crista da Silva	03	65

Memórias Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras	Ellen Crista da Silva	04	73
Memórias Estação Rodoviária de Blumenau	Rolf Oscar Hoeltgebaum	05	75
Memórias Recordação agradável	José Gonçalves	06	82
Memórias Blumenau, cidade que eu amo... Há 7 décadas!	Carlos Braga Muller	06	90
Reportagem A indisfarçável favelização em Blumenau	Magali Moser	02	86
Soam os sinos da morte: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX	Julia Massucheti Tomasi	04	43

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br